



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Luciana Andrade de Souza

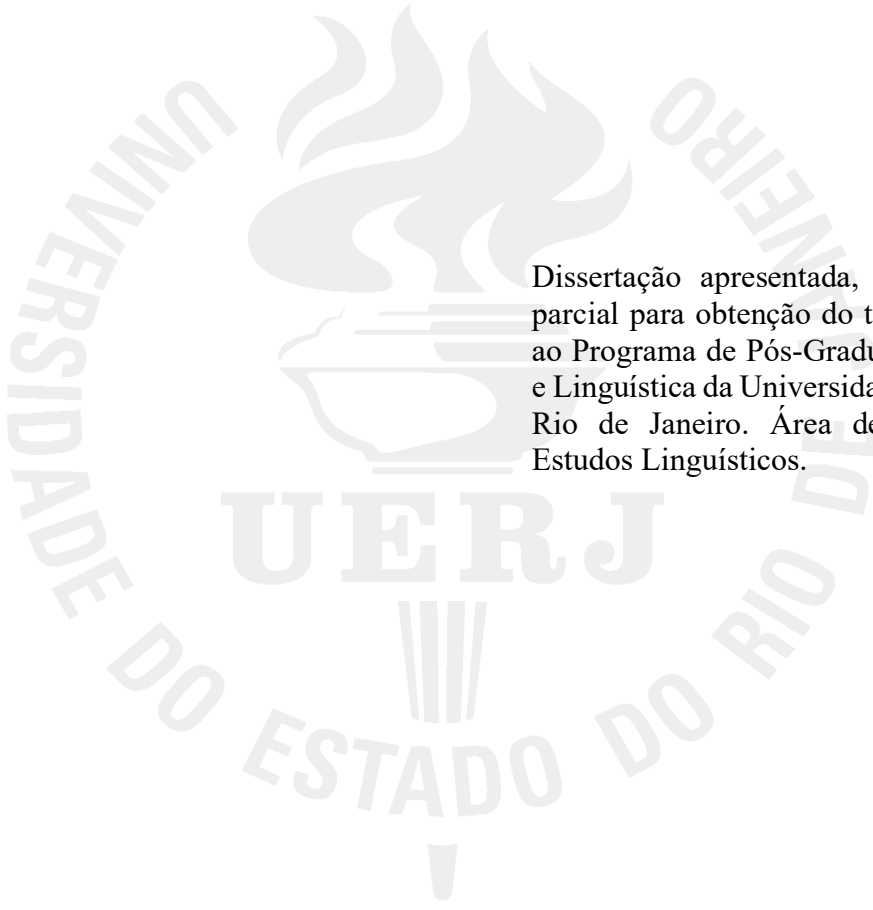
**De predicado verbal a marcador discursivo: contextos de uso de “Olha aqui” no português brasileiro contemporâneo**

São Gonçalo

2021

Luciana Andrade de Souza

**De predicado verbal a marcador discursivo: contextos de uso de “Olha aqui” no português brasileiro contemporâneo**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Mariangela Rios de Oliveira

São Gonçalo

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

S729	<p>Souza, Luciana Andrade de. De predicado verbal a marcador discursivo : contextos de uso de “Olha aqui” no português brasileiro contemporâneo / Luciana Andrade de Souza. – 2021. 69f. : il.</p> <p>Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Mariangela Rios de Oliveira. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.</p> <p>1. Linguística – Teses. 2. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 3. Língua portuguesa – Gramática – Teses. I. Oliveira, Mariangela Rios de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.</p>
CRB7 – 6150	CDU 801

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Luciana Andrade de Souza

**De predicado verbal a marcador discursivo: contextos de uso de “Olha aqui” no português brasileiro contemporâneo**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em 31 de maio de 2021.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Mariangela Rios de Oliveira (Orientadora)  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr. Monclar Guimarães Lopes  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário (Suplente)  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Victoria Wilson (Suplente)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

São Gonçalo

2021

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir alcançar mais uma conquista. Sem Ele, nada seria possível.

Aos meus pais, por todo amor e carinho dedicados a mim, por sempre me incentivarem e investirem em minha formação.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariangela Rios de Oliveira, por aceitar ser minha orientadora, por me orientar com muita seriedade e competência.

À Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), pela concessão de bolsa de mestrado ao longo dos dois anos de curso.

Aos membros desta banca, por aceitarem participar deste momento tão especial da minha vida acadêmica.

Aos meus amigos e familiares, pelo apoio e incentivo durante todo esse processo.

Não te mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não te atemorizes, nem te espantes; porque o Senhor teu Deus está contigo, por onde quer que andares.

*Josué 1: 9*

## RESUMO

SOUZA, Luciana Andrade de. *De predicado verbal a marcador discursivo: contextos de uso de “Olha aqui” no português brasileiro contemporâneo*. 2021. 69f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

Fundamentados nas premissas da Linguística Funcional Centrada no Uso, apresentamos um estudo sincrônico a respeito dos contextos de uso de *olha aqui*, nos termos de Diewald (2002; 2006). Para tanto, debruçamo-nos sobre a microconstrução de predicação verbal [olha (x) aqui] e sobre os usos transitórios que culminam na relação de construcionalidade (ROSÁRIO; LOPES, 2019) entre a microconstrução marcadora discursiva [olha aqui] e a rede de marcadores discursivos da [VLoc]. Objetivamos levantar e descrever interpretativamente nossos dados, verificando os aspectos contextuais, mapeando as ocorrências nas modalidades oral e escrita, além das propriedades da forma e do significado das microconstruções em foco. Realizamos uma análise qualitativa e quantitativa com textos extraídos do banco de dados NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro e do banco de dados *Corpus do Português*, que nos forneceram um total de 212 *tokens*, distribuídos pelos quatro contextos de uso. Com isso, verificamos a convivência dos contextos de uso instanciados por *olha aqui*, o que evidencia a gradiência da língua, nos termos de Bybee (2016), e que tais contextos são típicos da oralidade.

Palavras-chave: Linguística funcional centrada no uso. Construcionalidade. Contextos de uso.

Olha aqui.

## ABSTRACT

SOUZA, Luciana Andrade de. *From verbal predicate to discursive marker: contexts of use of "Olha aqui" in contemporary brazilian portuguese*. 2021. 69f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

Founded on Usage-Based Functional Linguistics, we present a synchronous study beyond usage contexts of *olha aqui*, in terms of Diewald (2002; 2006). Therefore, we lean over the verbal predication microconstruction [olha (x) aqui] and also the transient usages which culminate on constructionality relationship (ROSÁRIO; LOPES, 2019) among the discursive marker micro construction [olha aqui] and the discursive bookmark network of [VLoc]. We aimed to raise and described interpretively our data, verify contextual aspects, mapping oral and written modality occurrences, beyond the meaning and form properties of the focused micro constructions. We carried out a quali-quantitative analysis with extracted texts from NURC/RJ database - “Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro e do banco de dados *Corpus do Português*”, which gave us a number of 212 *tokens* arranged on four contexts of usage. Thereby, we verified usage context coexistence instanced by *olha aqui*, which evidence language gradient, in terms of Bybee (2016), and also that such contexts are typically from orality.

Keywords: Usage-based functional linguistics. Constructionality. Usage contexto. Olha aqui.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Modelo da estrutura simbólica da construção (adaptado de Croft, 2001, p. 18).....	29
Quadro 1 –	Distribuição da [VLoc] <sub>MD</sub> em níveis de esquematicidade (adaptado de Teixeira, 2015; 2018).....	32
Figura 2 –	Relação de construcionalidade entre as construções da [VLoc] <sub>MD</sub> .....	35
Quadro 2 –	Critérios de classificação.....	55
Quadro 3 –	Relação entre textos orais e os tipos de contextos.....	59
Quadro 4 –	Relação entre textos escritos e tipos de contextos.....	60
Quadro 5 –	Distribuição de dados por <i>corpus</i> e contextos.....	61
Quadro 6 –	Propriedades da forma e do significado da microconstrução [olha (x) aqui] <sub>PV</sub> .....	62
Quadro 7 –	Propriedades da forma e do significado da microconstrução [olha aqui] <sub>MD</sub> .....	62

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
1	<b>OLHA AQUI: DE PREDICADO VERBAL A MARCADOR DISCURSIVO</b> .....	12
1.1	<i>Olha aqui</i> : o verbo seguido de locativo.....	12
1.2	<i>Olha aqui</i> na estrutura oracional.....	16
1.3	O afixoide <i>aqui</i> .....	20
1.4	O marcador discursivo <i>olha aqui</i> .....	22
2	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	26
2.1	Gramática de construções.....	27
2.2	Contextos de uso de <i>olha aqui</i> .....	41
3	<b>METODOLOGIA</b> .....	45
3.1	Caracterização dos <i>corpora</i> .....	45
3.2	Procedimentos metodológicos.....	46
4	<b>ANÁLISE DE DADOS</b> .....	47
4.1	Contexto fonte.....	47
4.2	Contexto atípico.....	48
4.3	Contexto crítico.....	51
4.4	Contexto isolado.....	53
4.5	Os contextos de uso de <i>olha aqui</i> nas modalidades oral e escrita.....	55
4.6	Propriedades da forma e do significado de [olha (x) aqui] <sub>PV</sub> e [olha aqui] <sub>MD</sub> .....	61
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	64
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	66

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa filia-se à agenda de trabalho desenvolvida pelo Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G), em suas sedes – UFF, UFRJ e UFRN. Esse projeto interinstitucional dedica-se, entre outros assuntos, ao estudo mais amplo sobre os usos adverbiais em língua portuguesa numa perspectiva panorâmica, que busca detectar trajetórias de mudança, de estabilidade e variabilidade de tais usos.

Como parte desse projeto, a sede D&G, localizada na UFF, objetiva estudar os usos dos cinco mais frequentes pronomes locativos<sup>1</sup> do português – *aí*, *ali*, *aqui*, *cá* e *lá*, identificando os aspectos semântico-sintáticos desses elementos, tendo em vista suas tendências de ordenação e possíveis trajetórias de mudança linguística. Nesse âmbito, inserem-se os trabalhos de Teixeira (2015; 2018) e Rosa (2019), por exemplo.

A presente pesquisa se fundamenta nas premissas da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), vertente que compatibiliza pressupostos funcionalistas e cognitivistas, na linha de Bybee (2013; 2016), Croft (2001; 2013), Diewald (2002; 2006), Traugott e Trousdale (2013), entre outros. Pretendemos compreender os mecanismos cognitivos que levam ao surgimento dos diferentes usos de *olha aqui* no português brasileiro contemporâneo.

Partimos da hipótese de que, a depender da situação de uso, *olha aqui* pode ser empregado como verbo de percepção visual seguido de locativo, ou como marcador discursivo (MD). Vejamos os usos mencionados:

- 1) Operação Facheiro I, da Polícia Federal — Segundo a PF, caso os 234 mil pés de maconha fossem colhidos, prensados e colocados no mercado consumidor daria para produzir 78 toneladas da droga. A Polícia Federal não informou se houve alguma prisão durante a operação. “Mãe, levei um tiro, **olha aqui**”, lembra mãe da menina de 11 anos morta por bala perdida no Rio. Kathia Cilene diz ter certeza que a filha foi baleada por policial. Ela chegou ao IML para identificar o corpo da filha amparada por familiares. Katia Silene chegou por volta das 8h30 no IML do Rio para fazer o reconhecimento do corpo da filha. G1, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/02/15/mae-de-menina-morta-por-bala-perdida-na-zona-norte-do-rio-chega-ao-impl-amparada-por-familiares.ghtml>>. Acesso em: 3 maio 2020.
- 2) "Qualé? Tá pensando que eu sô troxa? Quer me robá, malandro? Eu te quebro!", dispara. Os outros clientes também ficam ouriçados, até que Márcia consegue reverter a situação. "Félix, meu menininho, você deve ter posto as moedinhas no bolso errado. Procura direito", sugere. Félix se faz de surpreso ao encontrar as moedas e entrega o troco ao rapaz, que ainda o alfineta. "Truquero! **Olha aqui**, dona, arruma gente melhó pra trabalhá na sua van", provoca. Márcia

---

<sup>1</sup> Trata-se de uma nomenclatura não empregada pelas gramáticas tradicionais. De acordo com Câmara Jr. (1992), a língua portuguesa conta com um sistema de pronomes demonstrativos em função adverbial.

desconversa e logo vê que de nada adiantou a saia justa. É só uma senhorinha aparecer querendo um cachorro-quente para Félix tentar um novo golpe. "Aqui está o seu troco, lindeza. Mas eu estou sem moedinhas. Posso ficar devendo?", pergunta Félix. Portal o dia.com, 2013. Disponível em: <<http://www.portalodia.com/noticias/tv-e-famosos/amor-a-vida-felix-estreia-na-venda-de-hot-dogs-188372.html>>. Acesso em: 3 maio 2020.

No trecho (1), Kathia Cilene reproduz a frase dita por sua filha, que foi alvejada por uma bala perdida durante a Operação Facheiro I. Nesse caso, *olha* é verbo de ação transitivo direto com sentido de perceber/fitar a vista em algo. Sendo assim, o verbo deve ser complementado, na sentença “Mãe, levei um tiro, *olha aqui*”, “um tiro”, atua como objeto direto de *olha*. O locativo *aqui* atua como circunstanciador de lugar, indicando que “um tiro” está localizado próximo de quem fala. Com base no referido fragmento, verificamos que o verbo *leve* colabora para inferirmos que “um tiro” não só está próximo, mas está em quem fala.

Considerando o trecho (2), verificamos que *olha* e *aqui* estão decategorizados em termos de sua classe fonte. Sendo assim, há abstração do significado, em (2), *olha aqui* é empregado pelo locutor com o propósito de repreender e provocar mudança de atitude de Márcia, recomendando que ela dispense o funcionário que lesa os clientes em relação ao troco.

De acordo com as análises supramencionadas, o dado (1) apresenta aspectos mais concretos e mais objetivos, referindo-se a percepção visual. O emprego de *olha aqui* em (1) corresponde à instância de uso da microconstrução de predicação verbal [*olha* (x) *aqui*] ([*olha* (x) *aqui*]<sub>PV</sub>). Já o dado (2) tem características mais abstratas, nesse caso, a atenção do interlocutor deve se voltar para repreensão realizada. O emprego de *olha aqui* em (2) representa a instância de uso da microconstrução marcadora discursiva [*olha aqui*] ([*olha aqui*]<sub>MD</sub>).

Nossos objetivos são levantar, descrever e analisar, no português brasileiro contemporâneo, os contextos de uso de *olha aqui*, nos termos de Diewald (2002; 2006). Partimos do contexto fonte, que apresenta usos mais originais e dicionarizados, em seguida, abordamos o *cline* contextual proposto pela autora: o primeiro estágio apresenta pré-condições para o desenvolvimento do processo de mudança linguística, relacionando-se com o contexto atípico; o segundo estágio inicia efetivamente o processo de mudança e se correlaciona com o contexto crítico; no terceiro estágio, ocorre a consolidação do processo de mudança linguística e está associado ao contexto isolado. Verificamos que os estágios de mudança dos referidos contextos convivem na sincronia atual, evidenciando a gradiência da língua, nos termos de Bybee (2016).

Considerando as microconstruções estudadas e os contextos apresentados, o contexto fonte representa a instância de uso da [*olha* (x) *aqui*]<sub>PV</sub>, os contextos atípico e crítico culminam no contexto isolado que corresponde à instância de uso da [*olha aqui*]<sub>MD</sub>. Desse modo, o

contexto isolado se trata da consolidação do processo de mudança linguística, em perspectiva diacrônica, já, em perspectiva sincrônica, institui-se a relação de construcionalidade (ROSÁRIO; LOPES, 2019) entre [olha aqui]<sub>MD</sub> e a rede [VLoc]<sub>MD</sub>.

Para o nosso estudo sincrônico, prioritariamente qualitativo, levantamos amostras de textos do *corpus* NURC/RJ e do *Corpus* do Português. O *corpus* NURC/RJ<sup>2</sup> – Projeto da Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro apresenta em seu banco de dados três tipos de textos – elocução formal, diálogo entre informante e documentador e diálogo entre dois informantes. O *Corpus* do Português<sup>3</sup> apresenta textos extraídos de gêneros associados à língua falada, à ficção e aos domínios jornalísticos. O *corpus* se divide em três bases de dados distintas, dedicamo-nos ao *corpus* NOW (Notícias na web).

Esta pesquisa está dividida em seis capítulos. O capítulo um está dividido em quatro seções, nas duas primeiras, apoiamo-nos em dicionários da língua portuguesa e gramáticas com objetivo de verificar o que essas obras trazem a respeito das subpartes da microconstrução [olha (x) aqui]<sub>PV</sub>. Nas duas últimas seções desse capítulo, baseados em estudos funcionalistas, apresentamos as características do significado e função da microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub>. O segundo capítulo, de fundamentação teórica, está dividido em duas seções que oferecem o embasamento da LFCU para a nossa pesquisa. Seguimos com o terceiro capítulo, o da metodologia, dividido em duas seções nas quais apresentamos a caracterização dos *corpora* e os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa. O quarto capítulo, o de análise de dados, dividido em seis seções, apresentamos, descrevemos e exemplificamos, com dados dos nossos *corpora*, os contextos de uso de *olha aqui*; identificamos os textos das modalidades oral e escrita em que as ocorrências de *olha aqui* se apresentam, além de apresentarmos as propriedades da forma e do significado das microconstruções sob análise. No quinto capítulo, temos as considerações finais, afirmando a hipótese que incitou esta pesquisa e as conclusões realizadas ao longo deste trabalho. Para finalizarmos, arrolamos as nossas referências bibliográficas.

---

<sup>2</sup> Fonte: Disponível em: <<https://nurcrj.lettras.ufrj.br/>>.

<sup>3</sup> Fonte: Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/>>.

## 1 **OLHA AQUI: DE PREDICADO VERBAL A MARCADOR DISCURSIVO**

Antes de apresentarmos os contextos de uso de *olha aqui*, tratamos das duas partes que constituem esses pareamentos: a verbal (*olha*) e a pronominal (*aqui*). Por fim, dedicamo-nos à categoria dos marcadores discursivos, classe na qual se insere [olha aqui] como construcionalização gramatical do português.

### 1.1 **Olha aqui: o verbo seguido de locativo**

Com objetivo de investigar o significado fonte de *olha aqui*, consultamos alguns dicionários, a saber: *Aurélio – O Dicionário da Língua Portuguesa (2008)*; *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001)*; *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa (1997)*; *Dicionário Gramatical de Verbos do Português contemporâneo do Brasil (1990)*.

A partir do exposto pelos dicionários, *olhar* é definido como verbo com significado de *fitar os olhos ou a vista (em); mirar; atentar ou reparar (em); zelar por; exercer ou aplicar o sentido da vista; ver-se, encarar-se; ver-se mutuamente; ação*. Já *aqui* é um advérbio cujo significado é *neste ou a este lugar, cá; nesta ocasião*.

Os dicionários apresentam não só o significado, mas também as categorias fonte das subpartes de *olha aqui*, verbo e advérbio. Assim, com base nas definições supramencionadas, *olhar* é verbo de percepção visual e *aqui* é advérbio indicador da localização da primeira pessoa do singular. Embora os dicionários classifiquem *aqui* como advérbio, a presente pesquisa o trata de pronome locativo.

Na Moderna Gramática Portuguesa, Bechara (2009) apresenta as categorias verbais segundo o linguista Roman Jakobson, mencionando que, para essa organização, o verbo não pode ser pensado tão somente como significado verbal, mas sim combinado com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, modo, pessoa e número. Considerando o verbo em foco, *olhar* é da 1ª conjugação e, no caso dos dados por nós analisados, ocorre flexionado na 2ª pessoa do singular do modo imperativo afirmativo. Os verbos do modo imperativo têm a característica de expressar ordem, pedido, sugestão.

De acordo com Bechara (2009), no verbo português e em outras línguas românicas existem categorias que sempre estão ligadas: não se pode separar pessoa do número nem o tempo do modo, geralmente, essa associação também acontece com o tempo e o aspecto.

Outra referência teórica usada por Bechara (2009) para estudar o sistema verbal é Eugenio Coseriu. Como mencionado acima, as categorias de tempo e aspecto estão normalmente ligadas no português e nas demais línguas românicas, quer se trate de formas simples, quer se trate de locuções verbais. Coseriu elabora uma proposta para a interpretação do verbo românico em relação a essas categorias com fundamento no sistema das subcategorias verbais. Bechara, então, apresenta as nove subcategorias, a saber: nível de tempo, perspectiva primária, perspectiva secundária, duração, repetição, conclusão, resultado, visão e fase. Dentre essas, interessa-nos a duração, por ser a subcategoria que acolhe o verbo *olhar*.

Segundo Bechara (2009), duração é a subcategoria que afeta o lapso em que se dá a ação verbal, podendo a ação ser durativa, momentânea ou intermitente (mistura de ambas, ou seja, uma ação formada por atos breves). O verbo *olhar*, segundo o autor, designa uma ação durativa.

Em relação a outra subparte, o pronome locativo *aqui*, Bechara (2009) o inclui na classe do advérbio como uma expressão modificadora que exprime uma circunstância de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, dentre outras, desempenhando na oração a função de adjunto adverbial. O autor ressalta que a classe é constituída por palavra de natureza nominal ou pronominal e que se refere geralmente ao verbo ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio, como intensificador, ou a uma declaração inteira.

Segundo Câmara Jr. (1984), o advérbio de natureza pronominal demonstrativa é indicador de lugar ou locativo. O autor (1992, p. 124) esclarece que “a nossa língua tem também um sistema de locativos, ou seja, de demonstrativos em função adverbial”. Sendo um indicador do lugar, Câmara Jr. (1992) define *aqui* como pronome locativo da área do falante. Em uma perspectiva compatível com a do autor, Batoréo (2000) caracteriza *aqui* como pronome de granularidade<sup>4</sup> fina ou estreita que aponta para um marco locativo bem próximo do falante.

A fim de ilustrarmos *olha aqui* em seu significado fonte, apresentamos a seguir um de nossos dados:

- 3) INF.: se apoderou do governo da França... Napoleão é um dos personagens da História... que tem uma bibliografia enorme sobre ele... nunca se tem falado tanto bem e tanto mal de Napoleão... quem... já viveu na França... algum tempo... vê que o francês... ele tem... assim... uma verdadeira idolatria por Napoleão... e eu... estive na França algum tempo... e... minha irmã tava na França... e tinha uma sobrinha pequenininha de três anos... que tava na França... ela no

---

<sup>4</sup> Segundo Batoréo (2000: 439), a granularidade, termo oriundo da Inteligência Artificial, define as diferenças nas regiões-de-vizinhança dos conjuntos, a partir de dois subsistemas: granularidade vasta do binômio *cá/lá* e granularidade fina ou estreita, correspondente a um ponto específico, como *aqui/aí/ali*.

jardim de infância... um dia ela chega pra mim... e diz... "tia... você que gosta da França..." -- ( ) nacionalismo... assim... quase radical que veio com Napoleão -- "você que gosta... **olha aqui**... caixa de fósforo com Napoleão... pra você"... quer dizer... ela já se sentiu imbuída... por aquele espírito... e agora... então... vamos ver quem era Napoleão Bonaparte... naturalmente... os biógrafos de Napoleão e os críticos dizem... que ele não teria passado de um brilhante oficial do exército francês... um briLHANte oficial do exército... se... não fosse a Revolução Francesa... a Revolução é que deu... oportunidade... a Napoleão de... de crescer e se tornar Napoleão... claro... a Revolução deu a oportunidade a ele de ascender... se não tivesse havido Revolução... ele jamais... teria chegado ao... poder de dirigir... a França... mas ( ) Napoleão... ele não era... vamos dizer assim... francês... praticamente... ele nasceu na...? onde é? Napoleão nasceu aonde? (EF 382)

Em (3), a subparte verbal tem sentido de fixar a vista, trata-se da observação de algo concreto, a “caixa de fósforo com Napoleão”. Como *olhar* está empregado no modo imperativo, a ação transmitida pelo verbo é um pedido feito pelo falante para que seu ouvinte perceba o objeto apontado. A subparte locativa *aqui* indica a localização da caixa a ser observada; de acordo com Câmara Jr. (1992) e Batoréo (2000), podemos afirmar que a caixa está bem próxima do locutor, visto que *aqui* é um locativo da área do falante.

Ao abordar os advérbios, Neves (2011) diz se tratar de uma classe heterogênea quanto à sua função, a qual está dividida em duas subclasses: *os modificadores* e *os não modificadores*. A autora inclui o locativo por nós estudado, *aqui*, nas subclasses dos advérbios circunstanciais de lugar.

Neves (2011) classifica certos advérbios como *não modificadores*, já Ilari (2007) os classifica como *não predicativos*. Os autores rotulam assim os locativos, uma vez que não afetam o significado do elemento sobre o qual incidem. Considerando *olha aqui*, podemos dizer que o pronome locativo é não modificador ou não predicativo, uma vez que apenas agrega circunstância de lugar ao seu constituinte verbal.

Em relação à natureza dos advérbios circunstanciais, Neves (2011, p. 256) explica que “lugar e tempo são categorias dêiticas, isto é, categorias que fazem orientação por referência ao *aqui-agora*, que constituem o complexo modo-temporal que fixa o ponto de referência do evento de fala”. Sendo assim, compreendemos que *olha aqui* tem como ponto de referência a localização do locutor, da primeira pessoa do discurso, uma vez que *aqui* é um locativo da área do falante.

Câmara Jr. (1977) apresenta a seguinte definição de dêixis:

[...] faculdade que tem a linguagem de designar mostrando, em vez de conceituar. A designação dêitica, ou mostrativa, figura assim ao lado da designação simbólica ou conceitual em qualquer sistema linguístico. Podemos dizer que o SIGNO linguístico apresenta-se em dois tipos – o SÍMBOLO, em que um conjunto sônico representa ou simboliza, e o SINAL, em que o conjunto sônico indica ou mostra. O pronome é



justamente o vocábulo que se refere aos seres por dêixis em vez de o fazer por simbolização, como os substantivos. A dêixis se baseia no esquema linguístico das três pessoas gramaticais que norteia o discurso: a que fala, a que ouve, e todos os mais seres situados fora do eixo falante-ouvinte (CÂMARA JR., 1977, p. 90).

No fragmento a seguir, o falante pede/convida seu ouvinte a observar o espaço<sup>5</sup>. Com base no caráter dêitico, mostrativo, do locativo *aqui*, descrevemos a indicação no espaço.

- 4) de embarque, corre, entra, senta. Primeiro trecho, minha poltrona era 6 C. Sou fanático por corredor. Segundo, poltrona 6 C. Assim, entrei na terceira aeronave (como dizem comandantes e comissárias) e fui direto ao 6 C. Entrou gente, tudo bem. Até que todos estavam acomodados chegou o dono da 6 C, conferiu o bilhete, conferi o meu, a jovem foi chamada, o dono verdadeiro estava ficando nervosinho, irritado. Andamos todos com pavio curto. Enfim, a jovem me disse: **Olha aqui**, o senhor olhou errado, o seu lugar é o 13 C. O dono verdadeiro resmungou: "Viu? viu? Por que não olha direito? Respeite o que é certo!". Gente me olhava com curiosidade e observava o dono real da poltrona com ares severos. Eu podia ler: "Pobre velho, imaginem a emoção, e esse cara estragando". Voltei-me, desolado: "Então, o que faço? Vou ter de viajar em pé, como em. Estadão, 2018. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,errar-a-poltrona-no-aviao,70002323326>>. Acesso em: 3 maio 2020.

Em (4), considerando a situação comunicativa, entendemos que a jovem mencionada é uma comissária de bordo. Verificamos que *aqui* indica que o bilhete está em um marco locativo bastante próximo à comissária. A subparte *aqui* também faz referência ao espaço do bilhete, visto a informação que a comissária apresenta ao passageiro, "(...) o seu lugar é o 13 C", está grafada no próprio bilhete.

Tratando de mais características das subclasses dos advérbios circunstanciais, Neve (2011) apresenta um subgrupamento composto por dois elementos, advérbios em si mesmos fóricos e advérbios não fóricos. A respeito dos primeiros, a autora (2011, p. 257) esclarece que são de "natureza pronominal, comportando-se como proformas nominais, o que lhes permite, aliás, funcionar como argumentos. Esses advérbios são muitas vezes chamados de advérbios pronominais, ou pronomes adverbiais".

Acerca dos advérbios de lugar não fóricos, a autora os descreve apenas como cumpridores de circunstâncias de lugar. Como exemplo, Neves (2011, p. 257-258) faz uso dos locativos *dentro* e *fora* para representar a "relação de interioridade ou inclusão/exclusão", como em "Por **FORA** ele pode se lavar, mas por **DENTRO** é encardido, emporcalhado com as suas próprias tratantadas".

<sup>5</sup> Apoiados em Traugott e Dasher (2005), compreendemos que a inferência sugerida se refere ao convite feito pelo locutor ao seu interlocutor para partilhar sentidos que procedem de efeitos semântico-pragmáticos durante a interação. Esse tema será abordado mais detalhadamente no capítulo de fundamentação teórica e análise de dados.

Ao caracterizar os advérbios de lugar fóricos, Neves (2011, p. 257) afirma que esses “referem-se a circunstâncias, mas em si não exprimem uma indicação circunstancial substancial. Essa indicação tem de ser recuperada: na situação, configurando exófora, ou no texto, configurando endófora (anáfora ou catáfora)”. Dentre os nossos dados, verificamos a indicação exófora, na qual *aqui* faz um apontamento para um lugar externo, tal como em (3), com “você que gosta... **olha aqui**... a caixa de fósforo com Napoleão... pra você”, mas também identificamos a indicação endófora, como em (5). Vejamos a seguir o dado (5), no qual “a casa onde você mora” é o preenchimento semântico do lugar apontado pelo *aqui*, configurando o emprego catafórico do locativo:

- 5) Domingão do Faustão. Na intimidade, os dois protagonizavam discussões homéricas. De um lado, o filho reclamava da ausência de Fábio. Do outro, o pai cobrava mais dedicação do rapaz com o trabalho, criticando o jeito informal de ser. Com o pai Fábio Jr., em uma foto de 2010, quando fizeram as pazes. Um dos episódios de bate-boca se cristalizou na memória. Numa reação a uma das revoltas de Fiuk, Fábio Jr. vociferou: "Moleque, **olha aqui** a casa onde você mora e tudo o que você tem. Eu não tinha nada quando comecei." A resposta do garoto não foi provocativa. — Lembro que eu disse: "Pode deixar que eu me viro". E saí. Foi assim que meu pai me ensinou, sem me ajudar. E dane-se! Não guardo rancor. Foi duro na época, mas hoje em dia é gratificante ver que a intenção era ótima — justifica. *Jornal Extra*, 2017. Disponível em: <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/fiuk-lembra-conflitos-com-fabio-jr-meu-pai-me-ensinou-sem-me-ajudar-nao-guardo-rancor-21485166.html>>. Acesso em: 3 maio 2020.

Ao longo desta seção, descrevemos *olha aqui* segundo sua categoria e significado fonte. Constatamos que, usados em termos prototípicos, *olha* e *aqui* apresentam características mais concretas e objetivas, uma vez que correspondem a verbo de percepção visual e locativo de primeira pessoa, respectivamente. Tendo feito essa descrição inicial, a seguir apresentamos a estrutura oracional na qual *olha aqui* é usado de acordo com suas características fonte, ou seja, verbo seguido de pronome locativo.

## 1.2 *Olha aqui* na estrutura oracional

A oração é uma unidade sintática, trata-se de um enunciado linguístico que se esquematiza ao redor do verbo. Bechara (2009) apresenta a seguinte definição:

[...] oração, pela sua estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelar fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em

que se acha inserido. A oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o verbo (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a relação predicativa – o sujeito e o predicado (BECHARA, 2009, p. 336-337).

O sujeito é descrito por Bechara (2009, p. 338) como “unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração”. Vejamos a seguir como o sujeito se apresenta em nossos dados:

- 6) Ambas as estradas cruzam São Gonçalo e são rotas para a Região dos Lagos, o Norte do estado e o Espírito Santo. Motoristas tentam se proteger de tiros na RJ-104, em São Gonçalo — O arrastão na RJ-104 foi na altura da Comunidade Nova Grécia, por volta das 21h45. “**Olha aqui**, a gente tá deitado aqui na pista”, diz o motorista que fez as imagens. A equipe do Bom Dia Rio percorreu a RJ-104 na madrugada desta segunda-feira (1º). Em 25 minutos de viagem entre a Alameda São Boaventura, em Niterói, e Itaboraí, só dois carros de Polícia Militar foram vistos – e parados. Nos trechos do Colubandê e do Jardim Catarina, em São Gonçalo, muitos postes estavam apagados. G1, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/01/imagens-mostram-panico-de-motoristas-em-estrada-de-sao-goncalo-rj.ghtml>>. Acesso em: 3 maio 2020.

Em (6), a ocorrência do verbo *olhar* apresenta o morfema – *a* (*olh-a*), que aponta o sujeito gramatical 2ª pessoa do singular do modo imperativo. Sendo assim, em *olha aqui, tu*, pronome de 2ª pessoa do singular do modo imperativo, acomoda-se à indicação do morfema – *a*. Segundo Bechara (2009, p. 338), esses “sujeitos gramaticais, quando necessários ao melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto, podem ser explicitados por formas léxicas que guardam com os sujeitos gramaticais a relação gramatical de concordância em número e pessoa”. No entanto, verificamos não ser comum que o sujeito do verbo em modo imperativo se apresente por meio de formas léxicas, como é o caso do fragmento (6).

Para tratarmos da segunda unidade significativa da oração, apoiamo-nos em Rocha Lima (1998), que apresenta a seguinte definição de predicado verbal:

O predicado verbal, que exprime um fato, um acontecimento, ou uma ação, tem por núcleo um verbo, acompanhado, ou não, de outros elementos. Da natureza desse verbo é que decorrem os demais termos do predicado. Verbos há que são suficientes para, sozinhos, representar a noção predicativa, chamam-se intransitivos. Outros, ao contrário, requerem, para cabal integridade do predicado, a presença de um ou mais termos que lhes completem a compreensão, são os verbos transitivos (ROCHA LIMA, 1998, p. 238-239).

Considerando a microconstrução [*olha* (x) *aqui*]<sub>PV</sub>, constatamos que a subparte verbal *olha* é de natureza transitiva, portanto, deve ser complementada. Como *olha* é um verbo

transitivo direto, o termo que lhe completa a compreensão é o objeto direto. A seguir, apresentamos um de nossos dados a fim de analisarmos a referida microconstrução:

- 7) No áudio intitulado " ele me bate no início e ainda coloco para gravar ele fazendo essa agressão, dá para perceber no tom de voz o gesto ", Roberto chama a mulher de " filha da puta " e " vagabunda ". Diz ainda que a casa do casal é dos filhos dele. E que, se Michella quisesse, ela que saía. Numa outra gravação, ela tenta registrar uma agressão que teria acabado de acontecer. Ele teria batido nela com o controle remoto da TV. – “**Olha aqui** o vermelho que está no meu braço da controlada que você deu. Quem não vai dormir aqui é você porque quem me bateu foi você. Não me chama de vaca não”. Num outro episódio, Roberto diz que sairá no dia seguinte e ameaça tirar a guarda dos filhos da mãe: — “Amanhã, eu saio de casa e tiro a guarda dos meninos”. O Globo, 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/audio-ai-credo-doeu-diz-ex-mulher-de-juiz-ao-ser-agredida-xingada-de-cachorra-mentirosa-22678200>>. Acesso em: 3 maio 2020.

Em (7), o predicado exprime o ato de observar atentamente. O verbo *olha* é o núcleo do predicado e seu objeto direto é o hematoma presente no braço de Michella, “(...) o vermelho que está no meu braço (...)”.

Ao analisarmos nossos dados, verificamos que, além do objeto direto, a subparte locativa *aqui* também complementa a subparte verbal *olha*, atuando como complemento circunstancial do verbo. Câmara Jr. (1984, p. 75) caracteriza os complementos como “expressões que acompanham o verbo, complementando”, como é o caso do objeto direto, “ou ampliando a comunicação linguística feita no predicado”, tal como o locativo *aqui*. Os locativos são classificados pelo autor como complementos circunstanciais. Segundo Câmara Jr. (1984, p. 75), esses complementos “ampliam a comunicação feita pelo verbo, indicando variadas circunstâncias (lugar, tempo, modo) de ocorrência”. Como já mencionamos na seção anterior, na microconstrução [olha (x) aqui]<sub>PV</sub>, a subparte *aqui* indica circunstância de lugar. Apresentamos a seguir o dado (8):

- 8) Ercília Stanciany da Silva Mozer, 46 anos, ouviu de um colega de classe que ela nunca iria concluir aquela etapa de estudos, muito menos entrar na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), assunto que gerou o comentário negativo do colega de pouca fé. Anos depois, ela se ajeita na cadeira no meio da minibiblioteca que mantém em casa, para posar para foto com um documento na mão e diz, antes de exibir o sorriso tão largo que chega a lhe apertar os olhos: “**Olha aqui** o meu diploma!”. Clique feito, ela volta a falar, como boa conversadeira que é, sobre a sua história. “A educação me transformou”, destaca. Ercília veio de Minas Gerais há 13 anos com o marido e a filha, então com sete, sem um centavo no bolso, " nem para comprar um café no trem ", para o Espírito Santo. A família veio atrás de melhores chances e encontrou no recolhimento de lixo reciclável. G1, 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espírito-santo/educacao/noticia/ex-catadora-de-lixo-se-forma-na-ufes-e-diz-educacao-me-transformou.ghtml>>. Acesso em: 3 maio 2020.

No fragmento (8), o locativo aponta o espaço que indica e destaca Ercília. O locativo complementa circunstancialmente a ordem/pedido de observação, uma vez que indica o espaço em que se localiza o diploma (objeto direto) que o interlocutor deve observar.

Como a microconstrução [olha (x) aqui]<sub>PV</sub> é composta por um verbo transitivo direto, cabe-nos apresentar mais detalhadamente a oração transitiva. Segundo Furtado da Cunha e Bispo (2018, p. 13), “a construção transitiva prototípica designa um evento causativo, em que um agente intencional, codificado como sujeito, afeta um paciente, codificado como objeto direto”. Acerca dessa estrutura, os autores esclarecem que a oração transitiva básica é constituída por Sujeito-Verbo-Objeto. No que se refere à moldura semântica, os autores afirmam que se trata de uma entidade agentiva na posição de sujeito, responsável pela execução da ação, que move ou provoca mudança de estado do paciente.

Furtado da Cunha e Bispo (2018) abordam também orações transitivas que se afastam semanticamente da moldura semântica prototípica. Para um dos tipos dessas orações de semântica diferenciada, os autores estabelecem a seguinte moldura: trata-se de uma experiência sensorial ou de um evento de percepção que acontece com a entidade codificada como sujeito, o referente do objeto direto não sofre afetamento, apenas é estímulo da experiência vivida pelo sujeito.

Considerando a oração que tem o predicado verbal instanciado por *olha aqui*, verificamos que sua estrutura destoa da estrutura da oração transitiva prototípica. Assim, com base nas análises que apresentamos ao longo desta seção, detectamos que os nossos dados apresentam a seguinte estrutura: Sujeito-Verbo-Complemento circunstancial-Objeto. Retomando o dado (8), é possível identificarmos os elementos dessa estrutura – sujeito gramatical (*tu*), verbo (*olha*), complemento circunstancial (*aqui*) e o objeto direto (*meu diploma*).

No que diz respeito à moldura semântica, nossos dados também apresentam aspectos diferentes da oração transitiva prototípica. Nos *corpora* que investigamos, o sujeito não move nem provoca mudança de estado do objeto direto. Desse modo, não há afetamento do objeto, podendo nem existir essa intencionalidade por parte do sujeito. Ao analisarmos os nossos dados, verificamos que esses se adéquam à última moldura semântica apresentada. Tomando mais uma vez o dado (8) como exemplo, temos um evento de percepção visual (*olha*) que ocorre com o sujeito gramatical (*tu*), o experienciador desse evento, e o objeto direto (*meu diploma*), o qual não é afetado, é somente o estímulo da experiência vivida pelo sujeito.

A partir do exposto, classificamos a oração que apresenta predicado verbal instanciado por *olha aqui* como oração transitiva não prototípica. Procedemos a tal classificação com base

na natureza transitiva do verbo *olha* e nas particularidades da estrutura e moldura semântica da oração. Desse modo, entendemos que essas particularidades podem ter motivado o surgimento da microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub>.

Na próxima seção, apresentamos as subpartes da microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub>. Com ênfase na subparte *aqui*, apontamos as diferenças entre sua atuação como locativo e como afixoide.

### 1.3 O afixoide *aqui*

Ao longo das seções anteriores, apresentamos aspectos do significado e categoria fonte das subpartes da microconstrução [olha aqui]<sub>PV</sub>. No que diz respeito à subparte *aqui*, observamos se tratar de um locativo que faz referência ao espaço do locutor, tendo assim características mais objetivas e concretas. Porém, a partir do surgimento da microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub>, a subparte locativa *aqui* passa a articular sentido mais abstrato. Pautados em Teixeira (2015), verificamos que *aqui*, como subparte da microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub>, confere à situação comunicativa um grau de assertividade. Sendo assim, considerando a característica do locativo em composições desse tipo, optamos pelo termo afixoide para nos referirmos ao *aqui*.

Com base nos estudos de Booij (2010; 2013), Oliveira (2018, p. 111) define afixoide “(...) como uma categoria gradiente, situada no intervalo entre termos lexicais, de conteúdo mais pleno, como nomes e verbos e termos de maior sentido procedural, de conteúdo mais abstrato, como afixos e desinências”. A autora esclarece ainda que o afixoide pode ser interpretado como subparte periférica, como componente mais leve, que, associado a outro elemento nuclear, contribui para configuração de um esquema mais específico. Outros pesquisadores que também se debruçam sobre o estudo da função periférica dos pronomes locativos são Braga e Paiva (2003, p. 209), que se referem ao uso clítico do locativo *aí*, em expressões como “um homem *aí*” e “uma coisa *aí*”, por exemplo.

Ao investigar o afixoide locativo, Rosa (2019) explica que este tem características de afixo, no entanto o sentido da nova microconstrução por ele composta é distinto da soma do sentido das subpartes envolvidas. Com o objetivo de ilustrarmos a relação de correspondência entre o sentido da microconstrução e a soma do sentido de suas subpartes, apresentamos as microconstruções [olha (x) aqui]<sub>PV</sub> e [olha aqui]<sub>MD</sub>, respectivamente. Em seguida, apoiados na

análise desses componentes proposta por Rosa (2019), examinamos as subpartes das microconstruções:

- 9) Cacau Protásio brinca com peso de Fiorella Mattheis e diz: 'Fecha a boca'. Passando por um processo de reeducação alimentar e firme nos exercícios físicos, Cacau Protásio já está sentindo os efeitos na qualidade de vida. E até aproveitou para tirar onda. Lado a lado com Fiorella Mattheis, Cacau brincou com a amiga: " Acho que você deu uma engordadinha ". "Você acha?", perguntou Fiorella. Cacau então apontou as gordurinhas da amiga: "**Olha aqui** a localizadinha. Não estou mais seca?", perguntou a humorista para quem filmava o vídeo no Instagram. Quando publicou a brincadeira, Cacau escreveu na legenda: "Fiorella, fecha a boca! Tá gordinha, tá linda". Além da piada, Cacau dividiu com seus seguidores no Instagram os desafios que tem enfrentado para perder peso. A atriz disse estar doente e que tem contado com o apoio de uma psicóloga, uma nutricionista, um personal trainer. *Jornal Extra*, 2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/cacau-protasio-brinca-com-peso-de-fiorella-mattheis-diz-fecha-boca-22711546.html>. Acesso em 3 de maio de 2020.
- 10) Íbis chama Cruzeiro para duelar após comentário de Mano Menezes. Eliminado da Copa Libertadores da América nessa quinta-feira (4), após empatar com o Boca Juniors (1×1), no Mineirão, o técnico do Cruzeiro, Mano Menezes citou o Íbis durante entrevista coletiva. " Estávamos jogando com o Boca, e não com o Íbis ", afirmou o treinador para justificar o resultado. Isso bastou para que o time pernambucano fosse às redes sociais desafiar o mineiro para um duelo. "**Olha aqui** tal de Mano Menezes, você quer ganhar mídia? Eu nem te conheço... Bora marcar esse Íbis x Cruzeiro então ", escreveu a equipe Paulista em sua conta no Twitter. Conhecido pela alcunha de " Pior time de o mundo ", o Íbis foi lembrado pelo técnico cruzeirense pelo fato de ser um referência entre os piores, de acordo com as palavras do treinador. O post chegou a 4, 1 mil reações na rede social. *NE10*, 2018. Disponível em: <https://blogs.ne10.uol.com.br/torcedor/2018/10/06/ibis-chama-cruzeiro-para-duelar-apos-comentario-de-mano-menezes/>. Acesso em 3 de maio de 2020.

Em (9), o sentido das subpartes de *olha aqui* equivale ao seu significado fonte, ou seja, *olha* faz referência a *fitar a vista* e *aqui* a *neste lugar*. No trecho, o verbo seguido de locativo atua como um pedido para que se observe a gordura localizada – “a localizadinha”, *aqui* indica o lugar onde essa gordura está, bem próximo das mãos de Cacau Protásio. Ao compararmos o sentido da microconstrução [olha (x) aqui]<sub>PV</sub> à soma do sentido de suas subpartes, constatamos maior composicionalidade<sup>6</sup> desse padrão de uso.

No que diz respeito ao fragmento (10), verificamos que o sentido das subpartes de *olha aqui* não equivale ao significado fonte. Ao empregar *olha aqui*, a equipe do time do Íbis não pede que Mano Menezes observe o espaço físico. Entendemos que *olha aqui* aponta o quanto o Íbis se ofendeu com a declaração do técnico do Cruzeiro. No entanto, o desafio “Bora marcar

---

<sup>6</sup> De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a composicionalidade é investigada em termos de compatibilidade e incompatibilidade entre forma e significado. No capítulo de fundamentação teórica, trataremos mais detalhadamente do assunto.

esse Íbis x Cruzeiro então” mostra a confiança do time pernambucano, pondo à prova a certeza da vitória citada por Mano Menezes, caso o Cruzeiro jogasse contra o Íbis. Sendo assim, há menor composicionalidade entre as subpartes, fazendo de *olha aqui* um todo semântico-sintático, em prol da marcação discursiva.

Retomando o dado (9), verificamos que a subparte *olha* é verbo e componente nuclear, tem conteúdo lexical, além de ser elemento central, sintática e semanticamente indispensável na relação com o *aqui*; a subparte *aqui* é componente periférico, locativo, elemento sintática e semanticamente prescindível na relação com *olha*. Tal análise contempla as características do verbo e do locativo expostas nas duas seções anteriores, além de reafirmar que, na categoria de locativo, *aqui* compõe a microconstrução [olha (x) aqui]<sub>PV</sub> cujo sentido corresponde à soma do sentido de suas subpartes.

Revisitando o trecho (10), constatamos que a subparte *olha* é componente nuclear, tem conteúdo abstratizado e é elemento não deslocável em relação a *aqui*. A subparte *aqui* é componente periférico, afixoide, tem conteúdo abstratizado, sintática e semanticamente imprescindível na relação com *olha*. Além disso, sendo *aqui* um afixoide, integra a microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub> cujo sentido é distinto da soma do sentido de suas subpartes.

A partir das análises realizadas, constatamos que a microconstrução [olha (x) aqui]<sub>PV</sub> é mais composicional e suas subpartes, apesar de atuarem juntas, preservam sua independência de sentido e função, apresentando menor vinculação semântico-sintática entre elas. Já a microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub> é menos composicional e suas subpartes são mais vinculadas semântica e sintaticamente, visto que *aqui* é imprescindível na relação com *olha*, na formação de um todo que atua no nível pragmático, como marcador discursivo.

A seguir, apresentamos *olha aqui* em seu nível mais alto de vinculação semântico-sintática, na categoria de marcador discursivo.

#### 1.4 O marcador discursivo *olha aqui*

Heine *et al.* (2019) apresentam quatro critérios que definem a classe dos marcadores discursivos. Segundo os autores, os marcadores são: (i) expressões invariáveis, (ii) sintática e semanticamente independentes de seu ambiente, geralmente (iii) destoam prosodicamente do resto do enunciado e (iv) sua função é relacionar um enunciado à situação do discurso, isto é, atuar em prol da organização dos textos, da integração entre falante e ouvinte.



Pesquisadores brasileiros também se debruçam sobre a investigação dos marcadores discursivos. De acordo com Risso *et al.* (2015), trata-se de um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem.

Risso *et al.* (2015), apontam características que auxiliam na compreensão do que venha a ser um marcador discursivo. Segundo os autores, trata-se de um conjunto que partilha dez variáveis compostas por traços fortes e fracos, os quais mostram os aspectos mais e menos relevantes para a definição de uma microconstrução como marcador. De acordo com os autores, são as seguintes: padrão de recorrência, articulação de segmentos do discurso, orientação da interação, relação com o conteúdo proposicional, transparência semântica, apresentação formal, relação sintática com a estrutura oracional, demarcação prosódica, autonomia comunicativa e massa fônica. Vejamos duas ocorrências de *olha aqui* na função de marcador discursivo:

- 11) Quando souber que foi acusado pela morte de Zelito, Tião irá falar com Salete pessoalmente. "Vamos deixar uma coisa bem clara: se a senhora não desmentir sua acusação de que eu matei aquela bichinha, vou processar por calúnia e difamação e a indenização que vai ser tão grande que você vai ter que vender essa espelunca!! Se não perder coisa pior! ", ameaçará. "**Olha aqui**, não pense que eu tenho medo de você, que não tenho não! E fique longe de mim e das minhas filhas se não quiser lamentar depois! Agora dá o fora daqui e não volta nunca mais!!", rebaterá a dona do posto. O segundo passo da batalha de Salete contra Tião envolverá sua filha Jéssica. A garota, que se prostituiu com o vilão, confessará à mãe que foi agredida por ele. Salete conseguirá convencer-la a denunciar. UOL, 2016. Disponível em: <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/lei-do-amor-salete-denuncia-crimes-de-tiao-e-sofre-ameaca--13330>. Acesso em 3 de maio de 2020.
- 12) Luciane (Grazi Massafera) é uma mulher vivida e não deixa passar nada despercebido. Ela já desconfia que Camila (Bruna Hamú) está fazendo programa e, quando a menina chega em casa de óculos, a madrasta sente o cheiro de coisa errada. "Tá de óculos por quê? ", questiona, antes de tirar o acessório do rosto da enteada e ver um olho roxo. Camila ganhou o hematoma durante um programa. Camila é desaforada como sempre e Luciane manda o papo: "**Olha aqui**, dona Camila, eu não sou burra! Acha que não saquei que você tá fazendo programa?". E a menina retruca com uma ofensa: "Se enxerga, boadrasta! Não sou você, não!". É nessa hora que a loira joga umas verdades na cara dela: "Você é uma tonta que se meteu numa furada! Se eu entrei na vida, foi por falta de opção! Mas você teve todas as chances!". Globo.com, 2016. Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/a-lei-do-amor/vem-por-ai/noticia/2016/11/luciane-descobre-que-camila-ganhou-olho-roxo-durante-programa-e-da-conselho.html>. Acesso em: 3 maio 2020.

Ao analisarmos *olha aqui* nos fragmentos acima, de acordo com os critérios estabelecidos por Heine *et. al.* (2019), verificamos que:

- i. Trata-se de uma expressão invariável, um *chunk*, por ser um pareamento de forma e sentido, um todo semântico-sintático.

- ii. Normalmente posicionado à esquerda da sentença, é sintática e semanticamente independente, por não integrar a estrutura sintática oracional.
- iii. Apresenta a pausa, demarcada por vírgula, como elemento prosódico.
- iv. No que diz respeito à organização do texto, verificamos que o marcador é capaz de configurar um processo discursivo de estabelecimento de contato e colaboração mútua entre os interlocutores, estando presente no curso da fala como ato verbal preparatório de declarações subsequentes. Considerando a interação, constatamos que *olha aqui* aponta um posicionamento repreensivo do falante em relação ao ouvinte.

Após essa análise, verificamos que ambas as ocorrências de *olha aqui* em (11) e (12) apresentam os critérios necessários, segundo Heine *et al.* (2019), para integrarem a classe de marcadores discursivos, sendo representados, nesta pesquisa, pela microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub>.

Teixeira (2015, p. 250), ao estudar a microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub>, a nomeou de *marcador repreensivo-asseverativo*, apresentando a seguinte justificativa:

Creditamos, portanto, ao afixoide *aqui* condução da atenção para um ponto mais próximo do falante, (...). Nesse sentido, a notação que atribuímos à forma verbal *olha* é realizada de forma muito mais contundente, porquanto *aqui* dirige a situação comunicativa para um grau de assertividade próprio daqueles que se consideram em posição superior ao interlocutor (TEIXEIRA, 2015, p. 250).

O presente trabalho se alinha à nomeação proposta por Teixeira (2015). Com objetivo de justificar tal alinhamento, vejamos as análises dos dados (11-12) apresentados anteriormente:

Em (11), observamos uma tentativa de intimidação por parte de Zelito, mas Salete não cede diante das ameaças de ser processada, perder seu posto de gasolina, ou coisa pior. Ao enfrentar Zelito, a dona do posto emprega *olha aqui*, e a pausa demarcada por vírgula enfatiza o marcador. Verificamos que *olha aqui*, somado às declarações negativas que o sucedem, atua como uma estratégia de Salete para marcar posição em relação às ameaças de Zelito e se mostrar confiante.

Em (12), verificamos um clima de hostilidade envolvendo Luciane e Camila. A cena inicia com a indagação de Luciane “Tá de óculos escuros por quê?”; a madrasta, que já desconfiava que a enteada estivesse fazendo programa, tem suas suspeitas confirmadas ao ver o olho roxo de Camila. O vocativo “dona Camila” e a pausa demarcada por vírgula realçam a função marcadora discursiva de *olha aqui*. A certeza e o posicionamento repreensivo que *olha aqui* conferem à fala de Luciane não estão relacionados apenas ao hematoma no rosto de

Camila, mas também a sua experiência de vida – “(...) eu não sou burra!” – e ao fato de já ter sido garota de programa, conhecendo bem essa dura realidade.

Por meio dos nossos dados, observamos que, no PB contemporâneo, convivem contextos de uso que mostram níveis distintos e crescentes de vinculação de sentido e forma de *olha aqui*, que culminam no marcador discursivo. No entanto, constatamos que na nova microconstrução persistem traços das subpartes originais de *olha* e *aqui*.

Como já mencionado neste capítulo, *olha* é um verbo que expressa o sentido físico de *dirigir a vista, fitar os olhos, ver*. Porém, integrando a microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub>, esse sentido se desbota, porém alguns traços semânticos se mantêm. Isso pode ser justificado por meio do princípio da persistência, nos termos de Hopper (1991), que se refere à conservação de aspectos do sentido da forma-fonte nos novos usos percorridos pela mudança linguística. Considerando essa definição, podemos dizer que, na microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub>, *olha* assume sentido abstrato, isto é, concorre, junto à subparte *aqui*, para que o locutor solicite ao interlocutor que concentre sua atenção na repreensão que está sendo feita.

Diessel (2017) aborda os processos cognitivos básicos envolvidos no uso e no desenvolvimento da língua, são eles: cognição social, conceptualização e memória e processamento. Tendo em vista o padrão dêitico do *aqui*, interessa-nos tratar apenas do processo de cognição social. Esse processo diz respeito ao conjunto de práticas pelas quais os interlocutores criam acordos voltados para o partilhamento de pontos de vista, crenças e propósitos comunicativos.

Segundo Diessel (2017), uma forma básica de cognição social é a *atenção conjunta*. De acordo com a atenção conjunta, os interlocutores devem estar centrados num ponto dêitico, na orientação de um foco para o qual a atenção é dirigida. Considerando a presente pesquisa, o ponto dêitico se concentra no locutor, que chama/convoca/convida o interlocutor (*olha*) para o seu foco (*aqui*). No que diz respeito à microconstrução [olha (x) aqui]<sub>PV</sub>, temos o ponto dêitico mais concreto, *olha* remete à percepção visual e *aqui* ao espaço que circunscreve o interlocutor, como em (8), “*Olha aqui* o meu diploma!”. Já no que se refere à microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub>, o ponto dêitico é mais abstrato, *olha* remete à centração na repreensão realizada e *aqui* ao grau de assertividade, tal como em (12), “*Olha aqui*, dona Camila, eu não sou burra!”.

Tendo apresentado os aspectos semânticos e sintáticos das microconstruções [olha (x) aqui]<sub>PV</sub> e [olha aqui]<sub>MD</sub>, passemos à apresentação da base teórica que fundamenta nossa pesquisa.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presente pesquisa se fundamenta nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), modelo de investigação de fenômenos linguísticos que compatibiliza Linguística Funcional de vertente norte-americana (LF) e Gramática de Construções (GC). O termo LFCU é uma denominação da Linguística brasileira, empregada por pesquisadores como os do D&G (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; MARTELOTTA, 2011; ROSA, 2019; TEIXEIRA, 2015; 2018). Já na Linguística norte-americana, denomina-se *Usage-based Theory/Approach*, segundo Bybee (2016) e Traugott e Trousdale (2013).

Segundo Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), a LF e a GC compartilham pressupostos teórico-metodológicos, a saber:

[...] a rejeição a autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estrita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural, (...). A gramática é vista como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua; portanto, ela pode ser afetada pelo uso linguístico” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 14).

Os referidos autores apontam como princípio básico da LFCU o fato de a estrutura da língua emergir conforme esta é usada. Nossa pesquisa se enquadra na perspectiva sincrônica de estudo da língua, exibindo pareamentos mais antigos, como é o caso da microconstrução [olha (x) aqui]<sub>PV</sub>, e outros mais inovadores, tal como a microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub>. Com base em Bybee (2016), entendemos que a convivência de dois pareamentos diferentes na mesma sincronia diz respeito ao fenômeno da gradiência, sendo esta um traço constitutivo da língua. Desse modo, para investigarmos as microconstruções, apoiamo-nos na LFCU que, segundo Furtado da Cunha e Tavares (2007), descreve e explica a aparente regularidade e instabilidade da língua como motivadas e modeladas pelo que os falantes fazem dela nos contextos reais de comunicação.

Rosário e Lopes (2019, p. 89), pautados em Traugott e Trousdale (2013), apontam “(...) a importância dos estudos sincrônicos, pois são eles que manifestam o estado atual das construções e a gradiência do sistema”. Apesar de não realizarmos uma pesquisa diacrônica, que investiga a língua ao longo do tempo, assumimos que só um estudo histórico nos permite verificar em que período os pareamentos surgem. A pesquisa de Teixeira (2015) nos mostra que

[olha (x) aqui]<sub>PV</sub> é anterior, já que surgiu no século XVI, por outro lado, [olha aqui]<sub>MD</sub> é mais recente, pois tem seu surgimento registrado no século XX.

A língua e a gramática são conceitos basilares da LFCU. De acordo com Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), a língua é um sistema adaptativo complexo, uma estrutura fluida, constituída de padrões mais ou menos regulares e de outros que estão em constante emergência, a qual é gerada por necessidades cognitivas e/ou intercomunicativas. No que diz respeito à gramática, os autores apontam que essa é compreendida como um conjunto de esquemas/processos simbólicos utilizados na produção e organização do discurso coerente.

Em perspectiva geral, a LFCU se dedica a pesquisas cujos temas estão relacionados à emergência e à regularização de padrões construcionais no nível da proposição e do discurso multiproposicional. Desse modo, são levados em conta os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e fatores linguísticos relativos à organização do texto (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). Sendo assim, apresentamos a seguir os fundamentos teóricos desse modelo de investigação de fenômenos linguísticos.

## 2.1 Gramática de construções

De acordo com Goldberg (2006) e Langacker (2008), a GC se caracteriza, em perspectiva sincrônica, pela concepção de que a língua é constituída por pareamentos forma-significado. Esses pareamentos são denominados construções e estão organizados em rede. Nesse sentido, o conhecimento linguístico dos usuários consiste em uma rede de construções. Sendo assim, segundo Lakoff (1987) e Goldberg (1995; 2006), a construção é dita unidade básica da gramática.

As construções são classificadas como unidades simbólicas convencionais. São ditas unidades, pois o pareamento forma-significado já está fixado na mente do usuário da língua, devido a fatores cognitivos, sócio-discursivos ou de grande frequência, (GOLDBERG, 1995; 2006). As construções são simbólicas por serem signos, isto é, associações que se tornam tipicamente arbitrárias de forma e significado. E são convencionais, pois são compartilhadas por um grupo de falantes.

Traugott e Trousdale (2013), no âmbito da LFCU, apresentam três pressupostos que julgam serem fundamentais para o estudo da construção. O primeiro é de que a gramática, entendida como conhecimento de um sistema linguístico, é específica do idioma, isto é, está

associada à estrutura de uma língua individual, por exemplo, o português. O segundo pressuposto é de que a mudança ocorre durante o uso, sendo o construto<sup>7</sup> o *locus* da mudança. O último pressuposto é a diferenciação entre mudança e inovação. A inovação se trata de um evento interativo individual que, apesar de não garantir a mudança, é fundamental. É necessário que a inovação seja repetida e replicada até ser convencionalizada, pois sem ela, não existe mudança.

Existem vários modelos linguísticos que adotam a abordagem construcional, a saber: Gramática de Construção Berkeley, Gramática de Construção Baseada no Signo, Gramática de Construção Cognitiva, Gramática de Construção Radical e Gramática Cognitiva. Embora os modelos citados sejam diferentes, apoiados em Traugott e Trousdale (2013), apresentamos alguns princípios básicos comuns a todos. São eles:

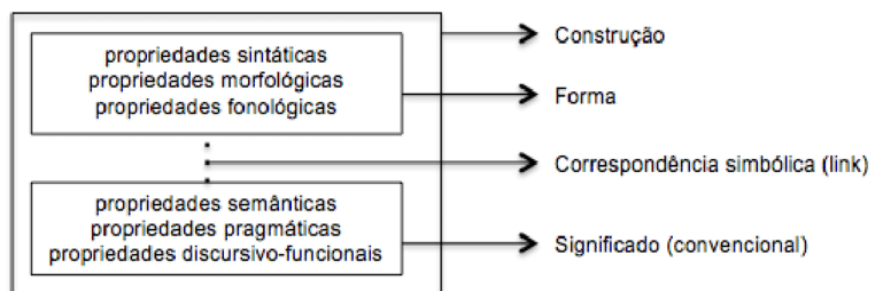
- i. A unidade básica da gramática é a construção.
- ii. A estrutura semântica é mapeada diretamente na estrutura sintática.
- iii. A língua, assim como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós e elos entre os nós; as associações entre esses nós são representadas na forma de hierarquias de herança (relações taxonômicas que capturam em que grau as propriedades de construções de menor nível são previsíveis a partir de construções mais gerais).
- iv. A variação translinguística (e dialetal) pode ser tratada de diversas maneiras, incluindo os processos cognitivos de domínio geral.
- v. A estrutura da língua é moldada no uso.

Dentre os modelos que seguem a abordagem construcional, optamos pela Gramática de Construção Radical (GCR), por se apresentar mais relevante em nossa análise.

---

<sup>7</sup> Com base em Traugott (2008), os construtos envolvem ocorrências (*tokens*) das microconstruções que são empiricamente atestadas, sendo, portanto, o *locus* da mudança.

Figura 1 – Modelo da estrutura simbólica da construção (adaptado de Croft, 2001, p. 18)



Fonte: A autora, 2020.

A GCR, elaborada por Croft (2001), trata-se de um modelo focado na relação entre a descrição gramatical e a tipologia contextual. Na GCR, as construções são específicas à língua e as categorias são definidas de acordo com a língua em relação às construções que elas integram. A título de exemplo, o verbo intransitivo é uma categoria na construção intransitiva no inglês e no português, no entanto na Gramática Universal não é. Croft (2013) esclarece que as classes gramaticais como *nome* e *verbo* devem ser compreendidas em termos de construções que expressam atos proposicionais e como construções de predicação, construções atributivas/modificadoras, expressões referenciais. Em seu modelo, Croft (2001) salienta a natureza taxonômica do conhecimento construcional, a relação de herança hierárquica entre construções mais gerais e mais específicas e a relevância do uso da língua na determinação das características da estrutura linguística. Mais adiante, em nosso capítulo de análise de dados, apresentamos as propriedades da forma e do significado das microconstruções estudadas, com base no modelo de Croft (2001).

Pautados no modelo de Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013) também apresentam um modelo de construção, o qual está representado da seguinte maneira: [[Forma] ↔ [Significado]]. Nesse modelo, a seta de duas pontas indica a relação entre forma e significado, os colchetes externos apontam que o pareamento forma e significado é uma unidade convencionalizada.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), os pareamentos forma-significado podem ser pensados em termos de variadas dimensões, todas gradientes, são elas: extensão, grau de especificidade fonológica e tipo de conceito. Quanto à extensão, as construções pode ser atômicas (monomorfêmicas), intermediárias (formadas por partes parcialmente analisáveis) ou complexas (formada por partes analisáveis). A especificidade fonológica se refere ao

preenchimento da construção, que pode ser considerada preenchida (fonologicamente especificada em sua totalidade), esquemática (totalmente abstrata) ou parcialmente esquemática (com partes preenchidas e partes esquemáticas). O tipo de conceito tem a ver com o fato de a construção ser lexical ou procedural/gramatical. O elemento lexical pode ser usado referencialmente, associado, de modo geral, às categorias como nomes/substantivos, verbos, adjetivos. Já o elemento procedural tem sentido mais abstrato, salientando relações linguísticas, perspectivas e orientações dêiticas.

Analisando as microconstruções [olha (x) aqui]<sub>PV</sub> e [olha aqui]<sub>MD</sub>, de acordo com as dimensões supramencionadas, temos:

- Extensão – Ambas as microconstruções têm extensão complexa, visto que são formadas por partes analisáveis, mas, como marcador discursivo, a microconstrução é menos composicional, menos analisável a partir das subpartes.
- Grau de especificidade fonológica – Ambas as microconstruções são preenchidas; na microconstrução [olha (x) aqui]<sub>PV</sub> a subparte verbal *olha* e a subparte locativa *aqui* são fixas em sua estrutura, a microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub> tem a subparte nuclear *olha* e o afixoide *aqui* fixos em sua estrutura.
- Tipo de conceito – A microconstrução [olha (x) aqui]<sub>PV</sub> é lexical, uma ordem dada pelo falante para que seu interlocutor observe atentamente o espaço físico, a microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub> é procedural/gramatical, usada pelo falante com objetivo de repreender asseverativamente seu interlocutor.

Além dessas dimensões, Traugott e Trousdale (2013) apresentam mais três fatores caracterizadores das construções, são eles: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Esses fatores se definem, em si mesmos, pela gradiência, o que admite a existência de construções menos ou mais esquemáticas, menos ou mais produtivas, menos ou mais composicionais.

A esquematicidade é “a propriedade de categorização que crucialmente envolve abstração. Um esquema é uma generalização taxonômica de categorias, linguísticas ou não<sup>8</sup>” (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 13). De acordo com os autores, os esquemas são abstrações através das quais conjuntos de construções inconscientemente percebidas pelos usuários da língua se relacionam em uma rede construcional.

---

<sup>8</sup> Nossa tradução para o trecho original “(...) is a property of categorization which crucially involves abstraction. A schema is a taxonomic generalization of categories, whether linguistic or not”.



Com objetivo de sistematizar o fator de esquematicidade, Traugott e Trousdale (2013) apresentam três níveis de esquematicidade a partir dos quais se estabelece a rede construcional, a saber: esquema, subesquema e microconstrução. Os autores explicam que esquemas linguísticos são licenciados por subesquemas e, em nível mais baixo, por microconstruções. Eles acrescentam ainda que esquemas são genericamente equivalentes a macroconstruções, e subesquemas correspondem a mesoconstruções, porém preferem utilizar as primeiras nomenclaturas. Em nossa pesquisa, optamos por empregar os três níveis de esquematicidade, segundo Traugott (2008), por entendermos que esses são capazes de dar conta do pareamento forma-significado definidor das construções. A seguir, apresentamos a proposta de Traugott (2008):

- Macroconstruções – Compreendem as construções mais genéricas da rede e abarcam as estruturas complexas com possibilidades diversas de preenchimento (*slots*). Em nossa pesquisa, é representada pela macroconstrução marcadora discursiva [VLoc]<sub>MD</sub>, a qual é investigada por Teixeira (2015; 2018), formada, segundo a autora, por subpartes de origem verbal e locativa.
- Mesoconstruções – Envolvem o conjunto de similaridades que são observáveis entre construções individuais diversas. Dentre as mesoconstruções da [VLoc]<sub>MD</sub>, nesta pesquisa, o nosso foco recai sobre a mesoconstrução [V<sub>perc</sub>Loc]<sub>MD</sub> por instanciar a microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub>. A [V<sub>perc</sub>Loc]<sub>MD</sub> pode ter o *slot* V<sub>perc</sub> preenchido pelas subpartes de origem verbal perceptiva (*escuta, olha, vê*) e o *slot* Loc pode ser ocupado pelos afixoides de origem locativa (*aí, aqui, lá*).
- Microconstruções – Referem-se propriamente às construções individuais. A macroconstrução [VLoc]<sub>MD</sub> se especifica em mesoconstruções e daí em microconstruções com a que estudamos, [olha aqui]<sub>MD</sub>.
- Construtos – Envolvem as ocorrências (*tokens*) das microconstruções que são empiricamente atestadas, sendo, portanto, o *locus* da mudança. Desse modo, não se trata de um nível esquemático construcional, e sim de uma instância de uso efetivo. Vejamos o exemplo a seguir:

13) São Paulo, João Dória (PSDB), discutiu com um militante nesta quarta-feira, 29, durante solenidade de entrega de casas do programa Minha Casa Minha Vida. Dória dizia que estava entregando as chaves das casas novas às mulheres das famílias contempladas. "A força da mulher ninguém segura", afirmou. Em seguida, foi interrompido por um rapaz que gritou: "Força de a Dilma para fazer as casas". O tucano, que tem pavio curto, reagiu de imediato e de maneira exaltada. "**Olha aqui**, vou aproveitar para dizer para você, que veio aqui tentar estragar a festa dessas famílias, que elas não estão de acordo com você", iniciou, com dedo em riste.

“Golpista é quem rouba dinheiro público, golpista é quem rouba o povo”, continuou Doria, observado pelo seu padrinho político, o governador Geraldo Alckmin (PSDB), que foi delatado pela Odebrecht como beneficiário de propina. Brasil 247, 2017. Disponível em: <<http://www.brasil247.com/pt/247/sp247/287586/Doria-bate-boca-com-militante-que-o-chamou-de-golpista.htm>>. Acesso em: 3 maio 2020.

Os três níveis de esquematicidade das construções estão vinculados à relação de hierarquia entre si. Traugott e Trousdale (2013) explicam que, quanto mais esquemática for uma construção, mais abstrata ela é, além de ocupar a posição mais alta na hierarquia de inter-relação com outras construções de nível inferior. A seguir, apoiados em Teixeira (2015; 2018), apresentamos a hierarquia construcional da [VLoc]<sub>MD</sub>, a partir do Quadro 3:

Quadro 1 – Distribuição da [VLoc]<sub>MD</sub> em níveis de esquematicidade (adaptado Teixeira 2015; 2018)

Níveis de esquem.	Tipo de construção						
Macro	[VLoc] <sub>MD</sub>						
Meso <sup>9</sup>	[V <sub>mov</sub> L oc] <sub>MD</sub>	[V <sub>trancirc</sub> Loc] <sub>MD</sub>	[V <sub>proc</sub> Loc] <sub>MD</sub>	[V <sub>perc</sub> Loc] <sub>MD</sub>	[V <sub>cog</sub> Loc] <sub>MD</sub>	[V <sub>vol</sub> Loc] <sub>MD</sub>	[V <sub>elo</sub> Loc] <sub>MD</sub>
Micro	[cheg(a) aí] <sub>MD</sub> [chega[r ]lá] <sub>MD</sub> [vá lá] <sub>MD</sub> [vamos lá] <sub>MD</sub> [vem cá] <sub>MD</sub>	[(es)t(á) aí] <sub>MD</sub> [(es)tamo(=s)aí] <sub>MD</sub> [fic(a) aí] <sub>MD</sub>	[(es)per(a)aí] <sub>MD</sub> [espera lá] <sub>MD</sub> [segur(a) aí] <sub>MD</sub>	[escutaaqui] <sub>MD</sub> [olh(a) aí] <sub>MD</sub> <b>[olh(a)aqui]<sub>MD</sub></b> [olha lá] <sub>MD</sub> [vê lá] <sub>MD</sub>	[sei lá] <sub>MD</sub> [sabe lá] <sub>MD</sub>	[quero lá] <sub>MD</sub>	[dig(a) aí] <sub>MD</sub> [diga lá] <sub>MD</sub> [fal(a) aí] <sub>MD</sub>

Fonte: A autora, 2020.

A produtividade é a segunda propriedade caracterizadora da construção. Normalmente, a produtividade é investigada associada à frequência. De acordo com Bybee (2013), a frequência *type* diz respeito ao número de expressões diferentes que um padrão particular tem, já a *token*, ao número de vezes que a mesma unidade ocorre no texto. Traugott e Trousdale (2013) relacionam a frequência *type* à frequência da construção e a frequência *token* à frequência do construto. Considerando o Quadro 3, observamos que a macroconstrução

<sup>9</sup> Com base em Teixeira (2015; 2018), as siglas se referem às seguintes mesoconstruções: VmovimentoLocativo, VtransitivocircunstancialLocativo, VprocessoLocativo, VpercepçãoLocativo, VcogniçãoLocativo, VvoliçãoLocativo, VelocuçãoLocativo.

[VLoc]<sub>MD</sub> instancia, pelo menos, sete construções *type*, em nível mesoconstrucional, essas, por sua vez, instanciam, em nível microconstrucional, 23 construções *type*. A frequência *token*, ou seja, o número de ocorrências do construto, é abordada mais adiante, em nosso capítulo de análise de dados.

Para realizar a distribuição da macroconstrução [VLoc]<sub>MD</sub> em níveis meso e microconstrucional, Teixeira (2015; 2018) se baseia na semântica do verbo, elemento que preenche a subparte nuclear desse esquema virtual. Assim, como já mencionamos, a microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub> é instanciada pela mesoconstrução [V<sub>perc</sub>Loc]<sub>MD</sub>, pois é formada por subparte nuclear perceptiva (*olha*) e por afixoide de origem locativa (*aqui*).

A terceira propriedade relevante no estudo da construção é a composicionalidade, que está associada à transparência do elo entre forma e significado. Traugott e Trousdale (2013, p.19) esclarecem que a composicionalidade é “geralmente pensada em termos tanto de semântica (o significado das partes e do todo) quanto das propriedades combinatórias do componente sintático<sup>10</sup>”. Do ponto de vista construcional, a composicionalidade é entendida em termos de compatibilidade e incompatibilidade entre os aspectos da forma e do significado. Sendo assim, para os autores, se um construto é semanticamente mais composicional, então o falante produz uma sequência sintática convencional e o interlocutor, ao compreender o significado de cada subparte em particular, decodifica o significado do todo. No entanto, se o construto é menos composicional, pode haver incompatibilidade entre o significado das subpartes individuais e o significado do todo. Os dados a seguir ilustram, respectivamente, usos mais e menos composicionais dos construtos:

- 14) "A maioria das vezes eu sentia do lado, depois comecei a sentir na altura do umbigo, agora tô sentindo aqui em cima, ou seja, no ultimo ultrassom que eu fiz ela tava de cabeça, deve ta dando chutes pra cima.", revelou ela. "Eu sou pequena, acaba que pegando na minha barriga inteira ", brincou Thaeme em seus stories. Ela mostrou que a barriga já começou a aparecer e revelou que algumas roupas já não servem mais: "Pediram pra olhar minha barriguinha, **olha aqui** como tá já. As roupas vão ficando estranhas na gente, mas tem problema não, o que importa é que ela aqui". Além disso, ela contou que o momento em que sua filha mais chupa a sua barriga é ao ouvir duas músicas específicas da cantora Sandy, ao ouvir Nosso Nós e Areia. Tv Foco, 2018. Disponível em: <<https://www.otvfoco.com.br/gravida-thaeme-mostra-barriga-crescida-e-diz-como-anda-a-gestacao/>>. Acesso em: 3 maio 2020.
- 15) **Olha aqui** seus bandido criminosos, vocês acham que compensa ser um bandido? A vida de bandidos comuns tem 2 destinos: O martírio da cadeia ou o cemitério. Se quiserem continuar no crime, estudem, para serem um " Lula ", um " Temer ", ou qualquer um desse naipe, pois, dificilmente serão presos, e se forem, passarão pouco tempo atras das grades e serão soltos pra desfrutar do fruto dos seus crimes". Veja.com, 2018. Disponível em:

<sup>10</sup> Nossa tradução para o trecho original “(...) is usually thought of in terms of both semantics (the meaning of the parts and of the whole) and the combinatorial properties of the syntactic component (...)”.

<<https://veja.abril.com.br/brasil/dois-morrem-apos-assalto-a-banco-no-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 3 maio 2020.

O fragmento (14) trata de um vídeo postado no Instagram pela cantora sertaneja Thaeme. O verbo em destaque exprime um pedido de observação da cantora aos seus seguidores. Ela está gestante e mostra sua barriga na rede social, assim o objeto direto de *olha* é a “barriguinha” de Thaeme. O locativo *aqui*, posposto ao verbo *olha*, é empregado para direcionar a vista do espectador para um ponto específico. Portanto, em (14), há compatibilidade entre as subpartes verbal e locativa, o espectador capta a sequência sintática convencional e compreende o significado do todo a partir do significado individual das subpartes do construto. Assim, o emprego de *olha aqui*, no dado em questão, é classificado como mais composicional, indicando tratar-se de um predicado verbal.

Em (15), temos um comentário feito por um leitor na plataforma digital da revista Veja. O comentário é referente a uma notícia de assalto a banco. Verificamos que a subparte nuclear *olha* não expressa pedido de observação, assim como o afixoide *aqui* não faz referência a um lugar. O que detectamos é uma nova vinculação semântico-sintática e não apenas um sequenciamento de subpartes independentes. Desse modo, em (15), *olha aqui* é um construto menos composicional, havendo menos compatibilidade entre o significado das subpartes individuais e o significado do todo, que, nesse caso, marca repreensão do leitor aos indivíduos que realizaram o assalto. O vocativo “seus bandidos criminosos” atua como fator contextual que concorre para a função marcadora discursiva de *olha aqui*.

Como já mencionamos a presente pesquisa adota a perspectiva sincrônica de estudo da língua. Sendo assim, apoiamo-nos em Rosário e Lopes (2019), que abordam a relação entre construções, propondo o conceito sincrônico de construcionalidade, definido pelos autores como:

[...] a relação sincrônica estabelecida entre construções, de tal sorte que (i) duas construções A e B apresentam horizontalmente algum grau de parentesco, ou (ii) uma construção menos esquemática pode ser associada verticalmente a uma ou mais construções de natureza mais esquemática (ROSÁRIO; LOPES, 2019, p. 92).

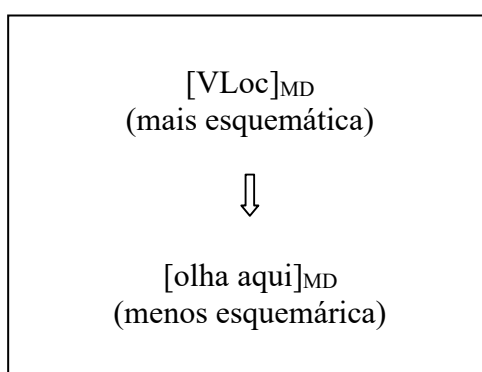
Os autores descrevem quatro relações diferentes que caracterizam a construcionalidade, sendo uma em nível horizontal e três em sentido vertical. Segundo Rosário e Lopes (2019), as relações horizontais ocorrem entre micro ou mesoconstruções, em um mesmo nível hierárquico, já as relações verticais são identificadas através de diferentes níveis de esquematicidade de uma determinada rede construcional.

No que diz respeito à relação horizontal, Rosário e Lopes (2019, p. 93) apontam que essa “se dá quando duas construções que compartilham traços comuns em um mesmo nível de hierarquia, especialmente entre microconstruções”. Acerca das relações verticais, os autores as dividem em três tipos: Tipo 1, Tipo 2 e Tipo 3. Rosário e Lopes apresentam as seguintes definições das relações verticais:

Com relação ao Tipo 1, há relação de construcionalidade quando uma Construção B está ligada a uma Construção A em nível superordenado. Essa ligação se dá por meio de uma relação *top down* (de cima para baixo) em que um nível mais esquemático e abstrato está associado a um nível menos esquemático e concreto. O Tipo 2 prevê a formação ascendente, quando uma Construção A (menos esquemática) liga-se a uma Construção B (mais esquemática), sendo esta originada por aquela. [...] a relação do Tipo 3 indica construções formadas por meio de especiais *links* de herança (ROSÁRIO e LOPES, 2019, p. 94-95).

Para presente pesquisa, interessa-nos a relação vertical do Tipo 1, assim, apoiados em Rosário e Lopes (2019), abordamos apenas essa relação. Considerando a referida relação e a hierarquia construcional da [VLoc]<sub>MD</sub>, estudada por Teixeira (2015; 2018), a microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub> está associada a um nível maior de esquematicidade, concernente à [V<sub>perc</sub>Loc]<sub>MD</sub>. Por sua vez, essa meso está ligada a um nível ainda maior de esquematicidade, a macroconstrução [VLoc]<sub>MD</sub>. As pesquisas de Teixeira (2015; 2018) apresentam a microconstrução [vem cá]<sub>MD</sub> como primeiro exemplar da [VLoc]<sub>MD</sub>, surgindo no século XVI. A microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub>, segundo autora, se convencionaliza no século XX. Sendo assim, tanto a microconstrução [vem cá]<sub>MD</sub> quanto [olha aqui]<sub>MD</sub> integram o esquema maior [VLoc]<sub>MD</sub>. Vejamos a seguir a figura que ilustra a relação de construcionalidade a que nos referimos:

Figura 2 – Relação de construcionalidade  
entre as construções da [VLoc]<sub>MD</sub>



Fonte: A autora, 2020.

A LFCU apoia-se também em motivações de ordem cognitiva para a pesquisa da mudança e dos usos linguísticos. Bybee (2016) aborda cinco processos de domínio geral: categorização, *chunking* (agrupamento), memória enriquecida, analogia e associação transmodal. A autora reconhece que os processos mencionados não esgotam a lista dos processos cognitivos envolvidos na interação além disso admite a existência de outros processos específicos à língua. Dos cinco processos apresentados por Bybee, optamos por abordar apenas os que têm relevância para nossa pesquisa, são eles: categorização, *chunking* e analogia.

Segundo Bybee (2016, p. 26), “*chunking* é o processo pelo qual sequências de unidades que são usadas juntas se combinam para formar unidades mais complexas”. O *chunking* é essencial para formação de unidades sequenciais expressas como construções, constituintes e expressões formulaicas. A autora esclarece que sequências repetidas de palavras (ou morfemas) são embaladas juntas na cognição de modo que a sequência possa ser acessada como uma unidade mais simples. Vejamos um de nossos dados que ilustra o referido processo:

- 16) As pessoas não têm paciência e disposição para passar por tratamentos longos, que exijam esforço e tempo. Outro dia, eu ouvi algo mais ou menos assim, em um atendimento: “**Olha aqui**, minha filha, eu não vim aqui pra ficar de conversinha com você. Eu tenho depressão e preciso de um remédio, porque esse que eu estou tomando não está valendo nada”. O que você diz para uma pessoa que acabou de perder alguém que amava, mas não quer viver esse luto? Ou acredita que não deveria estar sentindo essa dor, ou até que é injusto sentir essa dor? Rita – Percebo mais como se as pessoas não se sentissem no direito de sofrer. Época, 13. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2013/01/permissoao-para-ser-infeliz.html>>. Acesso em: 03 maio 2020.

Em (16), verificamos que *olha aqui* forma um *chunk*, visto que se trata da junção de duas subpartes que, unidas, expressam uma só função, marcador discursivo. Entendemos ser um uso menos composicional, já que a soma do significado das partes não revela o significado do todo; é preciso tomar as subpartes como uma unidade para compreendermos o sentido repreensivo-asseverativo do construto.

De acordo com Bybee (2016), a categorização trata da similaridade ou emparelhamento de identidade que acontece quando palavras, sintagmas e suas partes constituintes são reconhecidos e associados a representações estocadas. Com o uso da língua, essas representações estocadas, as mais recorrentes, são acessadas com facilidade e podem ser usadas como base para categorização de novos itens.

Considerando a possibilidade motivada pelas representações estocadas, Bybee (2016) aborda o exemplar, apresentando a seguinte descrição:

[...] um exemplar de alta frequência classificado como um membro de uma categoria tende a ser interpretado como um membro central da categoria ou, ao menos, sua maior acessibilidade significa que a categorização pode acontecer com referência a ele. Exemplos recentes são alocados em espaço semântico mais próximo ou mais distante de exemplares fortes, dependendo do seu grau de semelhança. Entretanto, a interação probabilística entre frequência e similaridade resultará em uma categoria cujo membro central é o membro mais frequente (BYBEE, 2016, p. 132-133).

Em suas pesquisas a respeito da categoria [VLoc]<sub>MD</sub>, Teixeira (2015; 2018) aponta a microconstrução [vem cá]<sub>MD</sub> como exemplar da categoria. Acerca da exemplaridade, a autora apresenta como motivação:

[...] o sentido de movimento por aproximação de *vem* pode ter sido a chave para espelhar esse mesmo movimento na interação: trazer a atenção do ouvinte até o que será dito. O *cá*, por sua vez, é o locativo que define o local para onde a atenção deve ser direcionada, reforçando que o deslocamento espacial deriva o textual e, na sequência, o intersubjetivo (TEIXEIRA, 2015, p. 84).

No que se refere ao nível da frequência, Teixeira (2015), com base no *corpus* de sua pesquisa, aponta o surgimento da microconstrução [vem cá] como predicado transitivo circunstancial no século XIII e, no século XVI, como microconstrução [vem cá]<sub>MD</sub>.

Considerando a microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub>, entendemos que essa se trata de um membro da categoria [VLoc]<sub>MD</sub>. Nosso entendimento se baseia em Bybee (2016), que afirma que a categorização pode acontecer tendo um exemplar como referência. No caso da presente pesquisa, o exemplar em questão é a microconstrução [vem cá]<sub>MD</sub>. Como já mencionamos, ao tratarmos dos níveis de esquematicidade, a [VLoc]<sub>MD</sub> é formada por subpartes de origem verbal e locativa, como é o caso do exemplar [vem cá]<sub>MD</sub>; [olha aqui]<sub>MD</sub> também é constituída por subpartes da mesma origem, o que permite que ambas as microconstruções sejam estocadas na mesma categoria. Verificamos que o sentido de percepção visual de *olha* foi abstratizado – levar o interlocutor a concentrar sua atenção na repreensão que está sendo realizada. O locativo *aqui*, que se refere ao espaço do falante, passa a conferir assertividade à situação comunicativa.

Desse modo, verificamos que o sentido de percepção visual passa a articular sentido mais (inter)subjetivo. Considerando o partilhamento de sentido entre falante e interlocutor, a microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub> convida à inferência de repreensão-asseverativa, enquanto a microconstrução [olha (x) aqui]<sub>PV</sub> convida à inferência de fitar a vista em um local próxima ao falante. Acerca do sentido (inter)subjetivo, detectamos que [olha (x) aqui]<sub>PV</sub> visa provocar a percepção visual por meio de um pedido/ordem, já [olha aqui]<sub>MD</sub> objetiva provocar mudança de atitude através da repreensão.

Para Bybee (2016, p. 27) “analogia é o processo pelo qual enunciados novos são criados com base em enunciados de experiências prévias”. A autora emprega o termo de maneira genérica – “analogia se refere ao processo pelo qual o usuário passa a usar um novo item numa construção” (BYBEE, 2016, p. 99).

Como mencionamos, ao abordarmos o processo de categorização, a microconstrução [vem cá]<sub>MD</sub> é o exemplar da [VLoc]<sub>MD</sub>, sendo assim, entendemos que [vem cá]<sub>MD</sub> é o enunciado prévio que oferece base para que a microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub> passe a fazer parte da família de marcadores discursivos da [VLoc], por analogia. Fazemos essa associação pautados na correspondência de forma e significado entre as microconstruções, detalhamos essa correspondência também ao tratarmos de categorização.

Bybee (2016, p. 149) aponta que a “estrutura de semelhança de família é, então, uma consequência do modo como as categorias se expandem por analogia”. A declaração da autora nos permite entender que os sete *types* de nível meso e os 23 *types* de nível microconstrucional são o motivo da expansão, por analogia, da categoria [VLoc]<sub>MD</sub>.

Para também dar conta de nossa investigação, consideramos um conceito da Linguística Cognitiva (LC), a semântica de *frames*. Ferrari (2018) baseia-se na semântica de *frames* elaborada por Charles Fillmore (1975, 1977, 1982, 1985) para abordar a estrutura semântica dos itens lexicais e construção gramaticais. “O termo *frame* designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo a partir da esquematização da experiência” (FERRARI, 2018, p. 50).

Ferrari (2018) aponta, segundo Fillmore, que o significado das palavras depende dos *frames*. Deste modo, a interpretação de uma palavra, ou grupo de palavras, requisita o acesso a estruturas de conhecimento que relacionam elementos e entidades associados a cenas da experiência humana, considerando-se bases físicas e culturais dessa experiência.

Selecionamos dados dos nossos *corpora* para apontarmos quais *frames* devem ser acessados para a interpretação das ocorrências de *olha aqui*:

- 17) D:E pinto, que você disse que gosta de ter, o que come?  
L: Olha, pinto, pinto come aquele milhinho picadinho, né? Ele ... Olha, eu adoro pinto, tive pinto também. O meu pai ia à feira e trazia pintinho, porque ele sabia que eu adorava, aquele amarelinho assim rochonchudinho (sic), gostava à beça. Até com o pinto eu dormia. Ah, dormia com pinto, de tanto que eu amava o pinto. E conta a mamãe que nós tivemos uma galinha, quando éramos pequenas, bem pequeninas, e que a galinha fazia tudo que a gente mandava. Dorme fulana, ela deitava de costas, fechava as patinhas, arriava e fechava os olhos. Aí fingia que estava dormindo. É. Um dia a mamãe saiu e disse pra empregada brincando: Maria, quando eu chegar em casa eu quero ver essa galinha na pia. E quando ela chegou em casa a galinha estava na pia mesmo, toda depenada. (risos) A mamãe quase matou a empregada. É claro que ninguém comeu do, da galinha, né, porque a galinha era de estimação. Todo mundo chorou, mamãe quase que



enforcou a empregada e a empregada foi embora. E perdemos a galinha de estimação. Mas eu adoro pinto. Mas os pintos morriam, porque nós morávamos em casa e tinha um porão, casa antiga, e tinha rato. O rato, a gente procurava o pinto, o rato tinha levado. Aí eu chorava, chorava, meu pai, na outra semana, trazia mais pintinho. Ele trazia assim dois, três, mas morre com muita facilidade. Botava numa caixinha com uma lâmpada dentro pra dar aquele calor, mas não tinha sorte não. Já tivemos papagaio, papagaio falava, cantava um pouquinho e um dos pintos foi, foi morto, foi assassinado pelo papagaio. (risos) A minha irmã chegou perto do, do papagaio e disse assim: **olha aqui** louro, o pintinho. Quando ela disse isso, o papagaio pum e no pescoço. Menina, pendurou a cabeça do pinto. (risos) Chorávamos eu e a minha irmã. (DID 120)

18) DOC. - Se o senhor marca um horário com uma pessoa e cumpre esse horário, o senhor passa a ser o quê?

LOC. - Cumpridor do meu dever.

DOC. - Em relação ao tempo?

LOC. - Mesmo em relação ao tempo. **Olha aqui**, bom, eu não quero fazer o meu cliente esperar.

DOC. - Não está fugindo nem uma palavra (inint.)

LOC. - Não sei. Só se vocês têm alguma palavra. Aí eu ignoro qual seja (DID 44)

Em (17), temos a instanciamento de [olha aqui]<sub>PV</sub>. Ao empregar o verbo *olha*, o falante pede/ordena que seu ouvinte fite a vista no elemento a ser observado, já o locativo *aqui*, indica a localização desse elemento. Considerando os referidos aspectos, verificamos o verbo *olha* e o locativo *aqui* têm sentido mais prototípico, desse modo, com base em Teixeira (2015), compreendemos que o *frame* instaurado pelo construto, em (17), é o de percepção visual.

Ao tratar dos verbos, Fillmore aborda a valência, essa diz respeito aos modos pelos quais os verbos podem ser combinados com outras palavras para produzir sentenças gramaticais. A valência do verbo tem relação com o número de participantes requeridos por este; considera-se *olha* um verbo bivalente por requer dois participantes: o observador e o elemento a ser observado. No trecho (17), a interlocutora fala sobre as aves de estimação que já criou ao longo de sua infância, a sentença em que se instancia *olha aqui* conta a história do dia em que o papagaio matou o pinto. Nessa história, *olha* destaca o “louro” (papagaio) como observador e o “pintinho” como elemento a ser observado. Vale ressaltar ainda que *olha aqui* é mais composicional, porque a soma dos significados das subpartes *olha* – observação do pintinho - e *aqui* – neste lugar – decodificam o significado do todo, percepção visual.

Em (18), *olha aqui* concorre para a repreensão e demonstração da insatisfação do informante com o documentador, que insiste em interrogá-lo em relação ao cumprimento de horários. Assim, apoiados em Teixeira (2015), verificamos que o *frame* instaurado pelo construto é o não espacial. O trecho (18) corresponde a um diálogo, no qual *olha aqui* faz parte de uma sequência injuntiva<sup>11</sup>, que aponta a responsabilidade do informante com seus horários.

<sup>11</sup> Com base em Marcuschi (2002), um tipo textual é dado por um conjunto de traços que formam uma sequência e não um texto. Mais adiante, no capítulo de análise de dados, abordaremos esse assunto mais detalhadamente.

Detectamos ainda que, em (18), *olha aqui* é menos composicional, pois a soma do significado das partes não corresponde ao significado do todo, trata-se de um *chunk* que atua em favor da marcação discursiva de sentido repreensivo-asseverativo.

O objeto de análise da LFCU é o uso efetivo da língua, como é o caso dos dados que temos apresentado ao longo da nossa pesquisa. Sendo assim, consideramos ser pertinente tratar do sentido das ocorrências de *olha aqui* a partir da situação comunicativa, ao invés de derivado diretamente da informação codificada no discurso ou no texto. Para o cumprimento do nosso objetivo, apoiamo-nos nos fatores de ordem comunicativa, propostos por Traugott e Dasher (2005), e ressaltamos a abordagem que Oliveira (2016, p. 37) faz desses fatores:

Os fatores comunicativos dizem respeito, entre outros, àqueles atinentes à negociação de sentidos no jogo interacional, com destaque para o conceito de *inferência sugerida*, que concerne ao “convite” que o locutor faz a seu interlocutor para partilhar sentidos que resultam de combinações semânticas no contexto discursivo; também pertencem à esfera comunicativa da gramática os conceitos de *subjetificação* e *intersubjetificação*, que dizem respeito, respectivamente, à expressão de atitudes e crenças do locutor e sua ação sobre o interlocutor (OLIVEIRA, 2016, p. 37).

Vejamos a seguir, respectivamente, dois dados, um referente à microconstrução [olha (x) aqui]<sub>PV</sub> e outro à microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub>, com a finalidade de verificarmos esses fatores comunicativos em nossos dados:

- 19) Lilian Calixto morreu depois de fazer um procedimento estético no Rio, no apartamento do médico Denis Furtado. Ele está preso. O laudo do IML sobre a causa da morte da bancária Lilian Calixto foi inconclusivo. Ela morreu depois de fazer um procedimento estético, no Rio de Janeiro. A polícia quer ouvir de novo o médico Denis Furtado, que foi indiciado por homicídio qualificado. “**Olha aqui** os 600 ml que me convenceram a pôr, Lilian, 300 de cada lado”. Uma amiga de Lilian mandou um vídeo para ela momentos antes de passar pelo mesmo procedimento que a bancária. A amiga também estava na cobertura de Denis Furtado, o dr. Bumbum, no Rio. G1, 2018. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/07/laudo-do-impl-sobre-causa-da-morte-de-bancaria-no-rio-e-inconclusivo.html>. Acesso em 03 de maio de 2020.
- 20) se você der soberania para uma mulher, ela devolve e divide com você. E, dividindo com o homem, ela promove o bem-estar geral, inclusive o dele. Você concorda com isso? Concordo. As mulheres não gostam de guerras, de armas, de mortes. Sabem que nas guerras morrem os nossos filhos e os nossos maridos. Elas lutam de outra forma. Com uma visão mais abrangente das coisas. Não pegando uma arma e matando. O homem inventou o duelo. Imagina se uma mulher inventaria uma barbaridade dessas? “**Olha aqui**, eu não gostei do que você falou para mim, você desonrou a minha pessoa, vamos lá fora e um de nós dois vai morrer”. A mulher daria um jeito, diria “vem cá, espera aí, vamos conversar”. Talvez até destruísse o outro depois, mas por meio de artifícios bem mais sutis. Por que a mulher é tratada tão diferentemente? Porque ainda hoje, em parte do mundo, as mulheres não têm direito a educação, a herança. Estadão, 2018. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/direto-da-fonte/so-se-fala-o-que-se-deve-por-medo-das-redes-diz-maite-proenca/>>. Acesso em: 3 maio 2020.

Em (19), *olha aqui* está inserido em uma cena observável, um vídeo. Ao fazer uso do verbo *olha*, a amiga de Lilian pede que ela observe “os 600 ml”, *aqui* indica o local em que se encontra a substância a ser observada. A partir dessa cena, verificamos que *olha* conduz ao sentido de fitar a vista, observar atentamente, já *aqui* marca o lugar em que se encontram os “600 ml” é bem próximo do falante. No que se refere aos outros conceitos, detectamos que a (inter)subjetificação está relacionada ao fato de a amiga de Lilian ter passado pelo procedimento, a aplicação dos “600 ml”, entendendo que a aplicação da substância valorizaria seu corpo. Com a gravação do vídeo, entendemos que a amiga de Lilian tem como propósito convencer a bancária a realizar o procedimento, tanto pelo fato desse vídeo mostrar a substância usada quanto pelo fato da amizade, o que concorre para a credibilidade do procedimento.

No fragmento (20), verificamos que *olha aqui* está inserido em uma situação hipotética criada por Maitê Proença, no entanto, mesmo sendo hipotética, podemos analisar os fatores comunicativos envolvidos. Diferente do que ocorre no trecho (19), em (20), *olha* não está seguido de um elemento a ser observado, nem *aqui* faz referência a um local; trata-se de um marcador discursivo repreensivo-asseverativo. O afixoide *aqui* articula a repreensão e marca a posição do falante. O construto, somado à negação, conduz à inferência de repreensão na qual o foco do interlocutor deve se centrar. Como fator de (inter)subjetificação, temos o fato de o falante não ter se agradado do que foi dito por seu interlocutor, e a convocação feita pelo falante convida para uma luta/um duelo, provoca o interlocutor para um combate, pois, de acordo com o falante, essa seria a única forma de resolver o caso de desonra.

## 2.2 Os contextos de uso de *olha aqui*

A presente pesquisa se propõe a apresentar e analisar os contextos de uso de *olha aqui* no português contemporâneo. Para cumprirmos nosso objetivo, apoiamos-nos na tipologia contextual elaborada por Diewald (2002; 2006). Considerando os nossos dados, observamos que, na sincronia atual, esses contextos se distribuem em quatro estágios distintos: um mais original, o contexto fonte, e mais três tipos - contexto atípico, contexto crítico e contexto isolado.

O modelo contextual referido aponta três estágios no desenvolvimento diacrônico de funções gramaticais associadas a três tipos diferentes de contextos, ordenados unidirecionalmente. O modelo de Diewald (2002; 2006) está voltado para o estudo do processo

de gramaticalização. Por entendermos que a gramaticalização guarda correspondência com a construcionalização gramatical<sup>12</sup>, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), optamos por utilizar apenas esse último termo na investigação do *cline* contextual neste capítulo. Partimos do entendimento de que, numa mesma sincronia, como a do português contemporâneo, convivem distintas etapas da mudança linguística, configuradoras da *gradiência*, nos termos de Bybee (2016), que caracteriza a língua em uso. Em outros termos, os contextos supramencionados remetem aos estágios de mudança da língua ao longo do tempo, porém verificamos que o surgimento de um novo estágio não elimina o mais antigo. Com base em nossos dados, detectamos que esses estágios convivem na sincronia atual.

A seguir apresentamos alguns de nossos dados com objetivo de ilustrarmos a associação entre os estágios de mudança e os tipos de contexto, propostos por Diewald (2002; 2006):

21) D: E na Copacabana?

L: Na Copacabana, aí já muda o aspecto um pouco. Butiques, como você diz, butiques, não as de Ipanema, sofisticadas de, de Ipanema, mas casas de negócio de mulher e homem e cinema, como o da esquina. Essa ali é o que eu encontro mais, mas predominância absoluta no comércio de hoje: comida. Tendência moderna, do restaurante antigo, daquele de sentar, feito o café de sentar que havia antigamente, está tendendo pro cafezinho em pé, como tendendo pro sanduíche, tendendo pra, tendendo pra lanchonete. Mas de qualquer maneira ali tem, pelo menos setenta por cento do comércio é de comida.

D: **Olha aqui**, fala aí como é, quais são as partes de uma loja. Como é que é uma loja?

L: Uma loja? Loja de uma maneira geral, uma loja qualquer que ela seja?

D: É. Uma loja de roupas de mulher, de homem. (DID 122).

O fragmento (21) trata dos aspectos do comércio em Copacabana. O emprego de *olha aqui* suscita uma leitura ambígua. Numa primeira interpretação, *olha aqui* pode direcionar o foco do entrevistado para a interlocução, um pedido para que o entrevistado detalhe “as partes de uma loja”. Já, numa segunda leitura, o construto pode remeter ao pedido de observação do lugar no qual a entrevista ocorre. A leitura ambígua, motivada por inferência metafórica, é uma característica do contexto atípico, o primeiro estágio que apresenta pré-condições para possível desenvolvimento do processo de mudança linguística.

22) Aliás, daí surgiu uma coisa boa: Cotia vive, e deve nos ajudar muito em breve. Pelo menos é o que eu espero. Mas, se brigar pra não cair não é o suficiente pra te provar que fui um bom menino, te lembro que aguentei o Thiago Mendes, por exemplo, todo irregular no começo do ano. Aguentei o Gilberto perdendo gol feito. Aguentei os caras da diretoria contratarem o Kieza.

<sup>12</sup> Segundo Traugott e Trousdale (2013), a construcionalização gramatical diz respeito a um processo diacrônico, consistindo no desenvolvimento de um par forma-significado que possui função gramatical/procedural. Como nossa pesquisa é sincrônica, não nos aprofundaremos no referido processo. Sendo assim, laçamos mão do conceito de construcionalidade que, de acordo com Rosário e Lopes (2019), trata-se de uma categoria analítica que descreve as relações horizontais e verticais entre construções em perspectiva sincrônica.

Os caras contrataram o Kieza! Tudo bem que mandaram embora poucos dias depois, mas **olha aqui** pra mim: os caras contrataram o Kieza! Aguentei o mimimi do Michel Bastos, aguentei a filha da putice do Wesley. Aguentei o mala do Rogério pedir pra sair do São Paulo porque não queria jogar centralizado - e, olha só, jogar centralizado no Sport. Aguentei o Centurion também, mas graças a Deus só por seis meses. Aguentei o Bruno por bastante tempo na direita e, caso a dificuldade desse ano não tenha ficado clara. ESPN, 2016. Disponível em: <<http://espnfc.espn.uol.com.br/sao-paulo/spfc-da-depressao/12333-prezado-papai-noel-da-depressao>>. Acesso em: 3 maio 2020.

Em (22), temos o trecho de uma entrevista em que o técnico de futebol do São Paulo fala a respeito das dificuldades por que passou com alguns jogadores do time. Ao empregar *olha aqui*, o técnico chama a atenção do seu interlocutor para o fato de “os caras contrataram o Kieza!”, levando-nos a inferir que o Kieza não é um bom jogador. Por outro lado, o construto pode se referir à observação do técnico e do espaço em que a entrevista está ocorrendo.

As duas possibilidades de leitura supramencionadas evidenciam a opacidade semântico-pragmática e a estrutural, marcada esta pelas possibilidades segmentais: [*olha aqui*] pra mim ou [*olha*] [*aqui* pra mim]. Essas opacidades são típicas do contexto crítico, o segundo estágio, em que se inicia efetivamente o processo de mudança.

23) João Doria (PSDB) discutiu com um militante nesta quarta-feira, 29, durante solenidade de entrega de casas do programa Minha Casa Minha Vida. Doria dizia que estava entregando as chaves das casas novas às mulheres das famílias contempladas. "A força da mulher ninguém segura", afirmou. Em seguida, foi interrompido por um rapaz que gritou: "Força da Dilma para fazer as casas". O tucano, que tem pavio curto, reagiu de imediato e de maneira exaltada. “**Olha aqui**, vou aproveitar para dizer para você, que veio aqui tentar estragar a festa dessas famílias, que elas não estão de acordo com você”, iniciou, com dedo em riste. "Golpista é quem rouba dinheiro público, golpista é quem rouba o povo", continuou Doria, observado por o seu padrinho político, o governador Geraldo Alckmin (PSDB), que foi delatado pela Odebrecht como beneficiário de propina. "Vai embora procurar sua turma. Vai procurar sua turma lá". Brasil 247, 2017. Disponível em: <<http://www.brasil247.com/pt/247/sp247/287586/Doria-bate-boca-com-militante-que-o-chamou-de-golpista.htm>>. Acesso em: 3 maio 2020.

Em (13), temos o pronunciamento de João Doria. Nesse caso, ao empregar *olha aqui*, Doria repreende o militante que declarou: “Força da Dilma para fazer as casas”. Os comandos “Vai embora procurar sua turma. Vai procurar sua turma lá” também mostram a insatisfação de Doria.

Observamos que, em (13) *olha aqui* se convencionaliza na função de marcador discursivo. Assim, temos em (13) em exemplo de contexto isolado, a partir do qual [*olha aqui*]<sub>MD</sub> se distingue de [*olha (x) aqui*]<sub>PV</sub>. Assim, temos a consolidação do processo de mudança, em viés histórico, e, em perspectiva sincrônica, o estabelecimento da relação de *construcionalidade* (ROSÁRIO; LOPES, 2019) entre [*olha aqui*]<sub>MD</sub> e a rede mais ampla

[VLoc]<sub>MD</sub>. De acordo com os autores, a construcionalidade é uma categoria analítica que descreve as relações horizontais e verticais entre construções em perspectiva sincrônica.

Os pressupostos teóricos apresentados no presente capítulo dão base à análise de dados, que tem como principal objetivo descrever os contextos de uso de *olha aqui* como predicado verbal e como marcador discursivo. Antes de apresentarmos nosso capítulo de análise, é importante tratar da metodologia que será aplicada no presente estudo.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo, tratamos da metodologia empregada na análise das microconstruções [olha (x) aqui]<sub>PV</sub> e [olha aqui]<sub>MD</sub> por meio de dados empiricamente atestados, além de caracterizarmos os *corpora* adotados. O presente capítulo se divide em duas seções: a primeira, seção 3.1, descreve os *corpora* por nós utilizados; a última, seção 3.2, explicita os procedimentos metodológicos dos quais nos servimos para a investigação dos nossos dados.

#### 3.1 Caracterização dos *corpora*

Para o nosso estudo, realizamos coleta em dois bancos de dados eletrônicos: NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro e *Corpus* do Português.

O acervo do Projeto NURC/RJ constitui referência nacional para pesquisas da variante culta da língua portuguesa. Trata-se de entrevistas gravadas na décadas de 70 e 90 do século XX, totalizando 350 horas, com informantes de nível superior completo, nascidos no Rio de Janeiro e filhos de pais preferencialmente cariocas.

As entrevistas foram gravadas em fitas de áudio, transcritas de acordo com normas previamente estabelecidas, e estão organizadas em amostras distintas que foram publicadas em três volumes, segundo o tipo de texto: *Elocuções Formais – EF* (aulas, conferências, palestras, etc.), *Diálogos entre Informante e Documentador – DID* (entrevistas feitas sobre diferentes temas entre entrevistador/entrevistado) e *Diálogo entre dois Informantes – D2* (gravação de um diálogo/conversa entre dois entrevistados com a presença de um documentador).

O Projeto *Corpus* do Português, organizado pelo professor Mark Daives, reúne uma coletânea de textos de gêneros variados. Essa coletânea está distribuída em três grupos: o primeiro deles é o *corpus* Gênero/Histórico, formado por cerca de 45 milhões de palavras de quase 57.000 textos em português entre os anos de 1300 a 1900; o segundo *corpus* é o Web/Dialetos, composto por aproximadamente um milhão de palavras em português, retiradas de mais ou menos um milhão de páginas da web de quatro países que falam português (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique); o último é o *corpus* NOW (Notícias na Web), esse contém aproximadamente 1,4 milhões de palavras de jornais e revistas *on-line* desde 2012 até 2019.

De acordo com as descrições supramencionadas, o primeiro *corpus* apresenta textos que registram os usos linguísticos ao longo do tempo, os dois últimos exibem o estado atual da língua, uma vez que são compostos por textos mais recentes. Tendo em vista o presente estudo, optamos por examinar apenas os textos do *corpus* NOW, tanto por realizarmos uma pesquisa sincrônica, quanto porque o NOW mantém foco em notícias brasileiras.

Iniciamos nossa pesquisa coletando e analisando somente dados do *corpus* NURC/RJ, porém, após uma coleta de dados exaustiva, verificamos que as ocorrências de *olha aqui* eram insuficientes. Assim completamos o nosso conjunto com dados do *corpus* NOW. Os *corpora* apurados para a presente pesquisa nos rederam um total de 212 dados, quantitativo apresentado ao longo de nossas análises.

### 3.2 Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa propõe uma análise qualitativa e quantitativa das microconstruções [olha (x) aqui]<sub>PV</sub> e [olha aqui]<sub>MD</sub> em uso no português contemporâneo do Brasil. Dos 212 dados levantados, 20 são referentes ao *corpus* NURC/RJ e 192 são atinentes ao *corpus* NOW. Os dados levantados são analisados e descritos interpretativamente, além do método quantitativo atestar a frequência *token* das microconstruções instanciadas .

Nossa análise se fundamenta na tipologia contextual proposta por Diewald (2002; 2006). Partimos do contexto fonte, caracterizado por *olha* e *aqui* terem significado e função prescritos nos dicionários e gramáticas tradicionais. Em seguida, tratamos efetivamente da tipologia contextual, iniciando pelo contexto atípico, passando pelo crítico, chegando ao contexto isolado. Por meio de tais contextos, verificamos as possibilidades de uso e a gradiência entre as microconstruções estudadas.

Os dados analisados pela presente pesquisa se apresentam em duas modalidades distintas, oral e escrita. A modalidade oral conta com 30 dados e compreende aulas e entrevistas, já a modalidade escrita tem 182 dados e inclui colunas, comentários, crônicas, notícias e reportagens. Tanto os textos orais quanto os textos escritos são compostos por uma combinação de sequências tipológicas variadas. No entanto, damos maior atenção à sequência tipológica injuntiva, sequência em que as microconstruções estudadas se inserem.

Tendo apresentado os *corpora* consultados e os procedimentos metodológicos aplicados, seguimos para o capítulo de análise.



## 4 ANÁLISE DE DADOS

O presente capítulo de análise está dividido em seis seções. Dedicamo-nos a apresentar, descrever e ilustrar, a partir dos nossos *corpora*, os contextos de uso de *olha aqui*. Em seguida, mapeamos os textos das modalidades oral e escrita em que as ocorrências de *olha aqui* se apresentam. Finalizamos nossas análises com a apresentação das propriedades da forma e do significado das microconstruções estudadas.

### 4.1 Contexto fonte

O contexto fonte conta com 128 dados, esse contexto é caracterizado por aspectos mais originais e prototípicos dos constituintes *olha* e *aqui*. Esses usos correspondem à instanciação da [olha (x) aqui]<sub>PV</sub>, cujo emprego apresenta significado e função conforme os dicionários e gramáticas tradicionais.

Apresentamos aqui uma análise das instâncias de uso da microconstrução [olha (x) aqui]<sub>PV</sub>. A subparte *olha* é verbo de ação na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo e, devido a essa configuração, expressa pedido/ordem de mirar/fitar a vista em algo, além de integrar o predicado verbal. *Aqui* indica a localização do objeto a ser observado, complementando circunstancialmente o verbo. A seguir, apresentamos duas das ocorrências de *olha aqui* em contexto fonte:

- 24) Wanessa Camargo doa mala de roupas dos filhos para o bebê da irmã, Camilla Camargo. Grávida do primeiro filho, que se chamará Joaquim, Camilla Camargo herdou da irmã, Wanessa, as roupas antigas dos dois sobrinhos, José Marcus, de 7 anos, e João Francisco, de 4, filhos da cantora com o empresário Marcus Buaiz. Feliz da vida, Camilla se derreteu ao mostrar no *Instagram* a mala de roupas que a irmã mandou para ela e disse que o seu filho usará tudo. "**Olha aqui**, tudo o que eu herdei dos meus sobrinhos. É muita coisa. E agora vai ser do meu filho, acho isso tão incrível, saber que o meu filho vai usar as mesmas roupinhas dos meus sobrinhos", disse ela, mostrando as roupas, babadores, cobertores e mantinhas de 0 meses a 2 anos, disse Camilla no *stories*. Extra, 2019. Disponível em: <<https://extra.globo.com/famosos/gravida-camilla-camargo-herda-roupas-dos-sobrinhos-filhos-de-wanessa-para-seu-bebe-23467001.html>>. Acesso em: 3 maio 2020.
- 25) De acordo com ela, o jovem já havia lhe mostrado o que estava fazendo em casa há alguns dias devido à falta de gás. "Ele foi colocar mais álcool na latinha e já estava com álcool, mas ele viu que parou [o fogo] e falou 'vou colocar mais um pouco' e o fogo estava aceso. Tinha um galão

de álcool perto e aí já foi o estouro, foi por isso que explodiu. Ele já tinha me mostrado, ‘**olha aqui** a gambiarra que eu faço, não tenho gás, vamos improvisar’”, conclui. O G1 entrou em contato com a assessoria de imprensa do Hospital das Clínicas para obter informações sobre o estado de saúde do rapaz, mas não obteve resposta até a publicação de esta reportagem. G1, 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/jovem-tenta-cozinhar-com-alcool-em-lata-causa-explosao-e-fica-ferido-gambiarra.ghtml>>. Acesso em: 3 maio 2020

Em (24), Camila Camargo mostra aos seus seguidores do *Instagram* a mala de roupas infantis que ganhou da sua irmã. De acordo com a cena comunicativa, *olha* é verbo de ação transitivo direto, apresentando como objeto as roupas infantis. O locativo *aqui* complementa circunstancialmente o *olha*, designando o lugar em que estão as referidas roupas. Como já mencionamos no primeiro capítulo, com base em Batoréo (2000) e Câmara Jr. (1992), *aqui* aponta para um marco locativo específico bem próximo do falante.

O dado (25) se refere a uma reportagem sobre um jovem que, ao tentar cozinhar usando uma lata cheia de álcool, causou uma explosão e se feriu. A vizinha do rapaz, que o socorreu logo após a explosão, relata à equipe de reportagem as instalações irregulares que já havia visto na casa do jovem. O verbo transitivo direto *olha* apresenta a “gambiarra” como objeto direto. Ao empregar o verbo, o rapaz solicita que sua vizinha observe a solução que ele arranhou para o fato de não ter gás - “*olha aqui* a gambiarra que eu faço, não tenho gás (...)”. O locativo *aqui*, em função dêitica, faz uma indicação efetiva do local em que a “gambiarra” se encontra, estando esta mais próxima ao locutor.

De acordo com as análises realizadas, apoiados em Teixeira (2015), detectamos que os construtos desse tipo contextual integram o *frame* de percepção visual e são mais composicionais, pois a soma do significado das subpartes descritas acima é compatível com o significado do todo. Com as análises supramencionadas, observamos que *olha* e *aqui*, mesmo ordenados sequencialmente, conservam-se independentes em relação ao sentido e à função, desse modo, em (24) e em (25), *olha aqui* exibe menor vinculação semântico-sintática e, por conseguinte, maior composicionalidade.

## 4.2 Contexto atípico

O contexto atípico registra nove dados coletados. Segundo Diewald (2002; 2006), esse contexto oferece pré-condições para a mudança linguística. Nesse tipo de instanciação, [*olha*

(x) aqui]<sub>PV</sub> é empregado de modo distinto do emprego em contexto fonte, uma vez que agora ambiguidades ao nível semântico-pragmático são detectadas. Diewald (2006) esclarece que o novo significado surge como uma implicatura conversacional, isto é, esse significado é acionado contextual e pragmaticamente e não codificado de forma explícita a partir dos itens linguísticos.

As novas possibilidades geradas pelo contexto atípico permitem a identificação de ambiguidade e polissemia. A seguir apresentamos dois de nossos dados que ilustram o referido contexto:

- 26) D: Em termos assim de diversão, uma coisa que era muito comum, assim as crianças, pras crianças pelo menos, né, mas eu acho que mesmo os adultos gostam, o circo.  
 L: Ah, bom, o circo é uma coisa (sup)  
 D: (sup.) O senhor recorda (sup./inint.)  
 L: (sup.) Bom, eu me recordo do, do Sarrazani, lá na, no, onde era o palácio, ali em frente à, lá no Castelo, né, lá no Castelo, depois da Feira da Providência, depois do, da feira da, da, como é, feira, Feira de Amostras, a Feira de Amostras que teve em mil novecentos e vinte e dois.  
 D: Hum.  
 D: (sup.) E como era o circo?  
 L: Mas o tipo é a mesma coisa, é na lona e no, na tabuazinha, não é? (riso) A tabuazinha de cavalete e o, o coisa. Mas circo por exemplo eu fui a muitos aí, esses circos aí de, de bairro assim, sempre levava as crianças, sempre que tinha circo quase sempre levava os, os filhos, quando tinha os filhos pra eu levar, agora não tenho também não vou.  
 D: O que que a gente vê em circo (sup./inint.)  
 L: (sup.) Como?  
 D: O espetáculo.  
 L: Bom, o espetáculo que eu gosto mais no circo é negócio de animais, né? Acrobacias eu gosto também mas não sou assim tão, tão fã disso, gosto de ver também mas, palhaços às vezes, às vezes. (riso)  
 D: **Olha aqui** outra coisa: o senhor falou do circo Sarraceni. O senhor por acaso viu o, o circo de Moscou na época que ele esteve aqui?  
 L: O quê?  
 D: Circo de Moscou. Foi um circo russo que veio.  
 L: Ah, eu não me lembro de ter visto não (sup.)  
 D: (sup.) Não viu não, né?  
 L: Não vi não.  
 D: Tinha uns ursos e tinha um jogo de, de futebol entre animais. (DID 124).
- 27) Volto pra casa desencantado, e cantarolo baixinho – e desafinado: - ‘Deixei meu ranchinho pobre, no sertão de Jequié, vim pro Rio de Janeiro, só pra ver como é que é’. Subo a ladeira de casa, sussurrando o final da letra, que diz assim: – ‘Mas nada é mais bonito, que as ‘muié’ e a lua, que ‘alumia’ meu sertão de Jequié’. Ressalto, com vigor: 1. É única (grande e preciosa) canção brasileira a exaltar – e com que grandeza! – esta cidade de beleza árdua mergulhada em eterna lassidão. 2. ‘Não há, oh gente, oh não, luar como esse do sertão’ – **olha aqui** o Luiz de Gonzaga de novo, de volta a esta história. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/jequie-foi-o-grande-sertao-de-dalva-de-oliveira/>>. Acesso em: 3 maio 2020.

Em (26), *olha aqui* é usado pelo entrevistador, que convida seu interlocutor para observar a situação da entrevista. A cena comunicativa ocorre em um espaço físico no qual

entrevistador e entrevistado conversam sobre frequentar o circo ser uma forma diversão. O fragmento (26) possibilita duas leituras de *Olha aqui*, gerando ambiguidade semântica. Em uma primeira leitura, verificamos que a subparte verbal *olha* já caminha para um sentido mais abstrato, uma vez que o pedido “*Olha aqui* uma outra coisa” pode ser interpretado como uma chamada de atenção para que o entrevistado volte seu foco para o que será dito – “o senhor falou do circo Sarraceni”. O pedido junto a essa afirmação do entrevistador atuam com base para a próxima pergunta – “O senhor por acaso viu o circo de Moscou na época que ele veio aqui”? Por outro lado, como se trata de uma entrevista em que os participantes interagem face a face, podemos fazer uma segunda leitura mais concreta, associada ao ato de observar/fitar a vista. Nessa última leitura, a subparte *aqui* preserva suas características de locativo, referindo-se a um local próximo do entrevistador.

Em (27), *olha aqui* integra o predicado verbal em que o colunista Rogério Menezes convida seu leitor a observar a presença do Luiz Gonzaga, objetivando sinalizar que o cantor está “de volta a esta história”. O trecho apresentado se trata de uma coluna *on-line* que aborda a apresentação feita pela cantora Dalva de Oliveira, na década de 1950, na cidade de Jequié, localizada no estado da Bahia. De acordo com Rogério Menezes, na referida apresentação, Dalva cantou a canção “Sertão de Jequié”, composta para Luiz Gonzaga, mas cedida à Dalva pelo cantor. Para finalizar o texto da coluna, Rogério Menezes traz versos de duas canções, “Sertão de Jequié” e “Luar do Sertão”, além de mencionar o retorno de Luiz Gonzaga à história. Verificamos que a canção “Luar do Sertão” é um recurso metonímico, tendo como referente “o Luiz Gonzaga”, objeto direto de *olha*. Assim, compreendemos que a subparte *olha* já caminha para sentido mais abstratizado. Em contrapartida, é possível realizar uma leitura mais concreta, associada ao ato de observar. Essa leitura se evidencia pelo fato de tanto os versos quanto o referente desses poderem ser observados/lidos no espaço do texto, por meio do locativo *aqui*.

De acordo com a análise feita, os techos (26) e (27) possibilitam duas leituras. Observamos que a composicionalidade de *olha aqui* em contexto atípico diminui, uma vez que, em leitura mais abstrata, há menos compatibilidade entre o significado das subpartes e o do todo. Assim, considerando a leitura mais abstrata, verificamos que a vinculação semântico-sintática entre *olha* e *aqui* é maior em contexto atípico do que em contexto fonte.

Com base em Teixeira (2015), verificamos que o *frame* de localização, no contexto atípico, pode se abstratizar, uma vez que *olha aqui* pode fazer referência a um espaço específico efetivo ou à própria interlocução. Se em (26), por exemplo, *olha aqui* for interpretado mais concretamente, devemos considerar que o pedido de observação se volta para o local em que a entrevista ocorre; mas se a referência for ao nível mais textual, o construto direciona o foco

para um assunto que já havia sido abordado – “*Olha aqui* outra coisa: o senhor falou do circo Sarraceni”.

### 4.3 Contexto crítico

O segundo estágio contextual é denominado *crítico*, contando com seis dados em nossos *corpora*. De acordo com Diewald (2002; 2006), esse estágio descreve o acionamento efetivo do processo de mudança, no nosso caso, que vai culminar na relação de construcionalidade de [olha aqui]<sub>MD</sub> com a rede [VLoc]<sub>MD</sub>. O contexto crítico é caracterizado por múltiplas opacidades, em termos estruturais e semânticos, o que permite várias intepretações, inclusive a do novo significado gramatical. A autora acrescenta que o referido contexto constitui uma espécie de catalisador, tendendo a ocorrer por curto momento na língua, com baixa produtividade, e desaparecendo no desenvolvimento posterior. A seguir apresentamos duas das ocorrências de *olha aqui* em contexto crítico:

- 28) ao pregar para seus fiéis, o apóstolo Luiz Herminio usou expressões como " cafetão " e " ladrão " para insultar os cantores, supondo que os artistas desviam a verba de suas produções e eventos ao vivo. Em uma das partes do vídeo que mais gerou polêmica, o pastor afirma que os promoters de eventos religiosos distorcem a finalidade das comunidades cristãs, ao se aproveitarem do dinheiro dos fiéis. "(Promoters) **Olha aqui** para mim. Deus vai te pegar. Você que está enriquecendo nas costas da igreja, você que trata a igreja como uma prostituta, seu cafetão", disse Luiz Herminio através do vídeo postado dentro do canal Gospel Livre, na rede social YouTube. Christian Post, 2013. Disponível em: <http://portugues.christianpost.com/news/pastor-chama-cantores-gospel-de-cafetoes-e-ladros-durante-pregacao-postada-no-youtube-18039/>. Acessado em: 3 de maio de 2020.
- 29) “Quero este, papai”. O homem moderno encabulou. "Pra quê, Julinho?". "Quero este". "Mas acabei de comprar um carro para você, Julinho!". "Eu quero a roda, papai!". O homem moderno não tem tempo para discutir detalhes. "Ô garoto, quanto você quer pelo arco e a manivela?". O menino tradicional encarou o homem moderno: "Não quero vender". O menino moderno fez cara de choro: "Eu quero!". “**Olha aqui**, garoto, eu troco este presente aqui pelo arco e a manivela". O maltrapilho deu um riso leve: "E quê que eu vou fazer com isto?". "É um carro, garoto, igualzinho a aquele ali da vitrine!". O menino tradicional balançou a cabeça: "É de plástico, vai quebrar logo, eu fico com o arco". O homem moderno exasperou. "Você não entende, garoto! Este carro custa R\$260!". Gazeta São João Del Rei, 2016. Disponível em: <http://www.gazetadesaojoaodelrei.com.br/site/2016/09/modernidades/>. Acesso em: 3 maio 2020.

Em (28), temos a fala do apóstolo Luiz Hermínio em um vídeo postado na plataforma *on-line* YouTube. Numa primeira leitura, embora o YouTube seja uma plataforma de livre

acesso, o apóstolo tem como espectadores preferenciais os *promoters* de eventos religiosos. Como o vídeo é composto por fala e imagem, o comando “*Olha aqui para mim*” convida a inferência de ver/observar atentamente o apóstolo, presente em um determinado espaço: *aqui*. Numa segunda leitura, o conteúdo do vídeo continua sendo para os *promoters* de eventos religiosos. O apóstolo emprega *olha aqui* com o propósito de chamar a atenção do espectador para a ameaça que será feita na sequência – “Deus vai te pegar”. Essa dupla possibilidade sugere ambiguidade estrutural e semântica, são evidenciadas pelas possibilidades segmentais: [*Olha aqui*] para mim ou [*Olha*] [*aqui para mim*].

Em (29), o “homem moderno” faz uma proposta ao “menino tradicional”: deseja trocar o carro de brinquedo que comprou pelo arco e a manivela do menino maltrapilho. Essa oferta suscita uma leitura ambígua de *olha aqui*. A primeira leitura é mais concreta, o pai de Juninho pede/ordena que o menino tradicional observe o objeto que ele oferece em troca do arco e da manivela, “este presente aqui” (o carro); nessa linha interpretativa, as duas ocorrências do locativo *aqui* indicam que o carro de brinquedo está em um lugar próximo ao locutor. Já a segunda leitura é mais abstrata, ao empregar *olha aqui*, o homem moderno alerta o menino maltrapilho do quão vantajosa é a troca do arco e da manivela pelo carro; assim as declarações “Você não entende, garoto! Este carro custa R\$ 260” concorrem para esse alerta mais subjetivo e metafórico.

Considerando a opacidade semântico-sintática presente em (28) e em (29), apoiados em Teixeira (2015), observamos se tratar de um *frame* situacional. Em (28), o trecho “*Olha aqui para mim*” pode tanto conduzir a atenção do espectador para o que será dito quanto para a pessoa do apóstolo; nessa última interpretação, mais concreta, a observação do apóstolo se baseia no ambiente da interlocução em que Luiz Hermínio está gravando o vídeo. Em (29), *olha aqui* pode direcionar o foco do interlocutor para a proposta feita pelo homem moderno, mas também para o carro de brinquedo; essa última leitura, mais concreta, considera a proximidade entre o carro e o locutor. Nas leituras mais abstratas de (28) e (29), em que o objetivo é chamar a atenção do interlocutor, observamos que *olha aqui* é menos composicional, tomado como um *chunk*, nos termos de Bybee (2016), em prol da marcação discursiva.

#### 4.4 Contexto isolado

O contexto isolado sem apresenta com 69 em nossos *corpora* e se refere ao terceiro estágio de mudança, nos termos de Diewald (2002; 2006). De acordo com a autora, nesse estágio se efetiva a consolidação do processo de mudança gramatical. Segundo Diewald (2002; 2006), nessa fase, o novo significado gramatical é isolado, separando-se do significado mais antigo e lexical. A autora esclarece que a separação dos dois significados é alcançada pelo desenvolvimento de contextos isolados que favorecem uma leitura em detrimento de outra, no nosso caso, a [olha (x) aqui]<sub>PV</sub> e a [olha aqui]<sub>MD</sub>. Vejamos a seguir um de nossos dados em contexto isolado, cujo significado é mais novo e procedural:

30) D: Mas já reparou nos relógios que existem agora?

L: Os digitais?

D: É, como é esse, esse papo de relógio digital?

L: Olha, eu (sup.)

D: (sup.) Porque inclusive dá pra botar no braço, né? (sup.)

L: (sup.) Hum, hum. Não tomei conhecimento ainda disso (sup.)

D: (sup.) Tem uns de cabeceira (inint.) já viu?

L: Não. **Olha aqui**, eu não reparei não. Eu, eu infe... infelizmente eu vivo pra trabalho, sabe, do trabalho para o trabalho. E eu saio do consultório, lá do INPS, venho pra aqui, saio, a única relojoaria que eu vejo é essa aqui da entrada.

D: Tem uma importadora aí embaixo.

L: Tem, tem, mas eu mal paro aí, porque eu sou desses que, eu, quando olho uma coisa, vou com... vou comprar, bom, saio pra comprar uma coisa, então vou numa loja e compro. Esse negócio de passar e ficar olhando, olhando e dizer: ah, algum dia ... Estou com vontade de comprar isso. Eu não, não, não, não é do meu feitio. Meu feitio é chegar e dizer assim: bom, quero comprar isso. Então eu saio e vou comprar aquilo. De maneira que, eu sei que aqui tem relojoaria, tem uma joalheria que tem relógio, mas nunca, eh, tive curiosidade de parar assim não ... Desculpe. (DID 234).

31) Sou policial militar, e quero dá meus parabéns a esses policiais pelo controle emocional desses companheiros que atenderam essa ocorrência, pois se fosse eu no momento que tirou o gorro do militar ele teria levado um direto no queixo pra aprender respeitar, porque isso não é postura de um promotor que se prese, ele é novinho na área e já tá com essa arrogância toda querendo humilhar os policiais de serviço, ele teria que ter levado muita porrada e da próxima ele ia baixar a bola dele. **Olha aqui** folgado vc não tem que ser tratado como um promotor com essa atitude de vagabundo, baderneiro e vândalo. Esses que mais abusam da autoridade, por vezes, fraudaram concurso. Pensam que podem tudo pois já entraram sem ter competência e acham tudo muito fácil. Recentemente, fui instrutor em curso de formação para um cargo público. Entre mais de 100 alunos, 4 ficaram de recuperação e apenas. Folha Max, 2017. Disponível em: <<http://www.folhamax.com.br/politica/descalco-com-toga-e-so-de-cueca-promotor-e-presos-de-novo-por-quebrar-tv-e-hotel-em-mt/130174>>. Acesso em: 3 maio 2020.

Em (30), a sequência dialógica tem como tema os modelos de relógio digital. O entrevistador, como estratégia de interlocução, faz diferentes perguntas com o propósito de

levar seu interlocutor a falar sobre o assunto em pauta. De acordo com a entrevista, os relógios digitais são novidade no mercado. Embora o interlocutor já tenha ouvido falar da inovação, não teve tempo nem curiosidade de ir até às lojas para conhecer melhor ou comprar. Ao empregar *olha aqui*, o interlocutor interrompe o locutor e tem por propósito provocar mudança de atitude deste, ou seja, ordenar que ele não insista em falar de um assunto pouco conhecido. Esse propósito se confirma pelo caráter imperativo que ainda persiste na subparte *olha* (HOPPER, 1991), pelo grau de assertividade articulado por *aqui* e pela oração que sucede o construto – “e não reparei não”.

A partir da notícia de que o promotor Fábio Camilo da Silva cometeu os crimes de desacato e embriaguez ao volante, o dado (31) apresenta o comentário escrito por um policial militar no portal da Folha Max. A referida notícia apresenta fotos e um vídeo com a reação do promotor ao ser interceptado, no momento em que os policiais detectam estar ele dirigindo embriagado. A partir daí, o promotor comete outro delito, ao desacatar e agredir um dos policiais. Em (31), ao empregar o construto *olha aqui* como marcador discursivo, o policial condena as atitudes desrespeitosas e criminosas do promotor, os termos “folgado, vagabundo, baderneiro e vândalo” contribuem para inferência de repreensão.

As leituras supramencionadas se apresentam como as únicas possíveis para as instâncias de uso de *olha aqui* nos fragmentos (30) e (31). Com base em Diewald (2002), constatamos que uma leitura em detrimento da outra é o que caracteriza o contexto isolado. Nessa etapa, em termos sincrônicos, institui-se relação de construcionalidade entre [olha aqui]<sub>MD</sub> e a rede mais ampla [VLoc]<sub>MD</sub> no português, que também abriga, como demonstrado em Teixeira (2015; 2018), itens como [vem cá], [espera aí] e [sei lá], entre outras microconstruções. Fundamentados na mesma autora, detectamos que as leituras isoladas feitas em (30) e em (31) concorrem para a metaforização e para o sentido intersubjetivo instaurado. De acordo com essa configuração, o construto é menos composicional, pois a soma do significado das subpartes é menos compatível com o significado do todo, além de *olha* e *aqui* exibirem maior vinculação semântico-sintática, na consolidação de um *chunk* formador de um novo membro da classe dos MDs.

Com o objetivo de sintetizar os aspectos das ocorrências de *olha aqui* segundo cada um dos contextos, propomos o seguinte quadro:



Quadro 2 – Critérios de classificação

Contextos	Critérios
Contexto fonte	Predicação verbal; <i>frame</i> de percepção visual.
Contexto atípico	Abstração do significado do verbo; diminuição da composicionalidade; aumento da vinculação entre as subpartes <i>olha</i> e <i>aqui</i> ; aumento da ambiguidade semântica; <i>frame</i> de localização.
Contexto crítico	Mudança/polissemia do significado verbal; chamada de atenção; aumento da ambiguidade estrutural; função discursiva recai sobre o foco de atenção do interlocutor, sentido mais intersubjetivo; aumento da integração entre as subpartes; <i>frame</i> situacional.
Contexto isolado	Nova função discursiva: provocar mudança de atitude do interlocutor; aumento do sentido intersubjetivo instaurado; menor composicionalidade; <i>chunk</i> ; MD repreensivo-asseverativo; inovação de sentido; <i>frame</i> não espacial.

Fonte: A autora, 2020.

Os critérios de classificação supramencionados são aspectos gerais apresentados pelas ocorrências de *olha aqui*. Relacionando a características dos contextos de uso com esses aspectos, alocamos as ocorrências segundo os contextos fonte, atípico, crítico e isolado.

#### 4.5 Os contextos de uso de *olha aqui* nas modalidades oral e escrita

A presente pesquisa tem seus dados extraídos de textos referentes a situações reais de uso da língua. Por meio desses textos, investigamos as instâncias de uso de *olha aqui*. Nos quatro contextos investigados, verificamos que *olha aqui* ocorre em sequência tipológica injuntiva.

Apoiamo-nos em Marcuschi (2002) e Teixeira (2015) para apresentarmos as características da sequência injuntiva. De acordo com Marcuschi (2002), a sequência injuntiva é constituída por verbo no imperativo, em enunciados que convidam à ação do interlocutor. Segundo Teixeira (2015), os marcadores discursivos se inserem, predominantemente, em sequência injuntiva, visto que essa permite uma leitura exortativa.

Como nossos dados estão divididos entre a modalidade oral e a modalidade escrita, a seguir mapeamos os contextos de uso de *olha aqui* em cada uma dessas modalidades.

Os textos orais integrantes de nosso banco de dados são aulas e entrevistas. Ao realizarmos nossas análises, observamos que *olha aqui* pode remeter à interação face a face ou

retomar uma situação anterior também face a face. Com objetivo de ilustrarmos esse comentário, vejamos novamente os dados (3), (21), (22) e (30):

- 3) INF.: se apoderou do governo da França... Napoleão é um dos personagens da História... que tem uma bibliografia enorme sobre ele... nunca se tem falado tanto bem e tanto mal de Napoleão... quem... já viveu na França... algum tempo... vê que o francês... ele tem... assim... uma verdadeira idolatria por Napoleão... e eu... estive na França algum tempo... e... minha irmã tava na França... e tinha uma sobrinha pequenininha de três anos... que tava na França... ela no jardim de infância... um dia ela chega pra mim... e diz... "tia... você que gosta da França..." -- ( ) nacionalismo... assim... quase radical que veio com Napoleão -- "você que gosta... **olha aqui**... caixa de fósforo com Napoleão... pra você"... quer dizer... ela já se sentiu imbuída... por aquele espírito... e agora... então... vamos ver quem era Napoleão Bonaparte... naturalmente... os biógrafos de Napoleão e os críticos dizem... que ele não teria passado de um brilhante oficial do exército francês... um briLHANte oficial do exército... se... não fosse a Revolução Francesa... a Revolução é que deu... oportunidade... a Napoleão de... de crescer e se tornar Napoleão... claro... a Revolução deu a oportunidade a ele de ascender... se não tivesse havido Revolução... ele jamais... teria chegado ao... poder de dirigir... a França... mas ( ) Napoleão... ele não era... vamos dizer assim... francês... praticamente... ele nasceu na...? onde é? Napoleão nasceu aonde? (EF 382)

O dado (3) diz respeito a uma aula de história. O emprego de *olha aqui* retoma uma situação anterior face a face, em que a professora conta sobre a caixa de fósforo que ganhou de sua sobrinha. Verificamos que o construto é usado em contexto fonte, pois *olha* é verbo de ação na 2ª pessoa do singular do modo imperativo afirmativo e *aqui* faz referência a um lugar bem próximo à sobrinha da professora. Considerando a configuração do verbo, *olha aqui* está inserido em uma sequência injuntiva, uma vez que a sobrinha da professora pede que ela observe/ fite a vista na caixa de fósforo.

- 21) D: E na Copacabana?

L: Na Copacabana, aí já muda o aspecto um pouco. Butiques, como você diz, butiques, não as de Ipanema, sofisticadas de, de Ipanema, mas casas de negócio de mulher e homem e cinema, como o da esquina. Essa ali é o que eu encontro mais, mas predominância absoluta no comércio de hoje: comida. Tendência moderna, do restaurante antigo, daquele de sentar, feito o café de sentar que havia antigamente, está tendendo pro cafezinho em pé, como tendendo pro sanduíche, tendendo pra, tendendo pra lanchonete. Mas de qualquer maneira ali tem, pelo menos setenta por cento do comércio é de comida.

D: **Olha aqui**, fala aí como é, quais são as partes de uma loja. Como é que é uma loja?

L: Uma loja? Loja de uma maneira geral, uma loja qualquer que ela seja?

D: É. Uma loja de roupas de mulher, de homem. (DID 122).

- 22) Aliás, daí surgiu uma coisa boa: Cotia vive, e deve nos ajudar muito em breve. Pelo menos é o que eu espero. Mas, se brigar pra não cair não é o suficiente pra te provar que fui um bom menino, te lembro que aguentei o Thiago Mendes, por exemplo, todo irregular no começo do ano. Aguentei o Gilberto perdendo gol feito. Aguentei os caras da diretoria contratarem o Kieza. Os caras contrataram o Kieza! Tudo bem que mandaram embora poucos dias depois, mas **olha aqui** pra mim: os caras contrataram o Kieza! Aguentei o mimimi do Michel Bastos, aguentei a filha da putice do Wesley. Aguentei o mala do Rogério pedir pra sair do São Paulo porque não queria jogar centralizado - e, olha só, jogar centralizado no Sport. Aguentei o Centurion também,

mas graças a Deus só por seis meses. Aguentei o Bruno por bastante tempo na direita e, caso a dificuldade desse ano não tenha ficado clara. ESPN, 2016. Disponível em: <<http://espnfc.espn.uol.com.br/sao-paulo/spfc-da-depressao/12333-prezado-papai-noel-da-depressao>>. Acesso em: 3 maio 2020.

Os dados (21) e (22) são entrevistas, nos dois dados o uso de *olha aqui* remete à interação face a face. Em (21), temos um caso de contexto atípico, já em (22) temos um exemplo de contexto crítico, no qual a opacidades semântico-sintática favorece a realização de duas leituras, uma mais concreta e outra mais abstrata; numa leitura mais concreta, devemos considerar que o falante pede para que seu interlocutor observe o espaço no qual a entrevista ocorre; porém, se a leitura for mais abstrata, o locutor chama atenção do seu ouvinte para o que será dito adiante. Considerando as duas leituras, em ambos os dados, *olha aqui* integra a sequência injuntiva.

30) D: Mas já reparou nos relógios que existem agora?

L: Os digitais?

D: É, como é esse, esse papo de relógio digital?

L: Olha, eu (sup.)

D: (sup.) Porque inclusive dá pra botar no braço, né? (sup.)

L: (sup.) Hum, hum. Não tomei conhecimento ainda disso (sup.)

D: (sup.) Tem uns de cabeceira (inint.) já viu?

L: Não. **Olha aqui**, eu não reparei não. Eu, eu infe... infelizmente eu vivo pra trabalho, sabe, do trabalho para o trabalho. E eu saio do consultório, lá do INPS, venho pra aqui, saio, a única relojoaria que eu vejo é essa aqui da entrada.

D: Tem uma importadora aí embaixo.

L: Tem, tem, mas eu mal paro aí, porque eu sou desses que, eu, quando olho uma coisa, vou com... vou comprar, bom, saio pra comprar uma coisa, então vou numa loja e compro. Esse negócio de passar e ficar olhando, olhando e dizer: ah, algum dia ... Estou com vontade de comprar isso. Eu não, não, não, não é do meu feitio. Meu feitio é chegar e dizer assim: bom, quero comprar isso. Então eu saio e vou comprar aquilo. De maneira que, eu sei que aqui tem relojoaria, tem uma joalheria que tem relógio, mas nunca, eh, tive curiosidade de parar assim não ... Desculpe. (DID 234).

O dado (30) também constitui trecho de entrevista. O emprego de *olha aqui* remete à interação face a face, na qual entrevistador e entrevistado conversam sobre relógios digitais. Verificamos que o construto é usado em contexto isolado e exerce a função de marcador repreensivo-asseverativo. Nesse caso, *olha aqui* integra a sequência injuntiva, uma vez que o entrevistado exorta o entrevistador a não insistir em tratar do assunto pouco conhecido.

Já os textos escritos levantados em nossos *corpora* são colunas, comentários, crônicas, notícias e reportagens. Em nossa investigação, verificamos que *olha aqui* é encontrado em textos informais e em textos mais formais. A seguir vejamos quatro ocorrências de *olha aqui* na modalidade escrita, três dessas já apresentadas anteriormente, de número (15), (27) e (29):

- 15) **Olha aqui** seus bandidos criminosos, vocês acham que compensa ser um bandido? A vida de bandidos comuns tem 2 destinos: O martírio da cadeia ou o cemitério. Se quiserem continuar no crime, estudem, para serem um "Lula", um "Temer", ou qualquer um desse naipe, pois, dificilmente serão presos, e se forem, passarão pouco tempo atrás das grades e serão soltos pra desfrutar do fruto dos seus crimes. Veja.com, 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/dois-morrem-apos-assalto-a-banco-no-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 3 maio 2020.

O dado (15), já apresentado pela nossa pesquisa, constitui um fragmento informal, que traz o comentário de um leitor sobre uma notícia de assalto a banco. Ao empregar *olha aqui*, o leitor exorta os assaltantes e argumenta que a prática criminosa não compensa. Desse modo, verificamos que o construto é empregado em contexto isolado, exercendo a função de marcador discursivo repreensivo-asseverativo e integrando a sequência tipológica injuntiva.

- 27) Volto pra casa desencantado, e cantarolo baixinho – e desafinado: - ‘Deixei meu ranchinho pobre, no sertão de Jequié, vim pro Rio de Janeiro, só pra ver como é que é’. Subo a ladeira de casa, sussurrando o final da letra, que diz assim: – ‘Mas nada é mais bonito, que as ‘muié’ e a lua, que ‘alumia’ meu sertão de Jequié’. Ressalto, com vigor: 1. É única (grande e preciosa) canção brasileira a exaltar – e com que grandeza! – esta cidade de beleza árdua mergulhada em eterna lassidão. 2. ‘Não há, oh gente, oh não, luar como esse do sertão’ – **olha aqui** o Luiz de Gonzaga de novo, de volta a esta história. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/jequie-foi-o-grande-sertao-de-dalva-de-oliveira/>>. Acesso em: 3 maio 2020.
- 29) “Quero este, papai”. O homem moderno encabulou. "Pra quê, Julinho?". "Quero este". "Mas acabei de comprar um carro para você, Julinho!". "Eu quero a roda, papai!". O homem moderno não tem tempo para discutir detalhes. "Ô garoto, quanto você quer pelo arco e a manivela?". O menino tradicional encarou o homem moderno: "Não quero vender". O menino moderno fez cara de choro: "Eu quero!". “**Olha aqui**, garoto, eu troco este presente aqui pelo arco e a manivela". O maltrapilho deu um riso leve: "E quê que eu vou fazer com isto?". "É um carro, garoto, igualzinho a aquele ali da vitrine!". O menino tradicional balançou a cabeça: "É de plástico, vai quebrar logo, eu fico com o arco". O homem moderno exasperou. "Você não entende, garoto! Este carro custa R\$260!". Gazeta São João Del Rei, 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadesaojoaodelrei.com.br/site/2016/09/modernidades/>>. Acesso em: 3 maio 2020.

Os dados (27) e (29) são coletados, respectivamente, de uma coluna e de uma crônica, ambos em sequências injuntivas. No que diz respeito aos contextos de uso de *olha aqui*, em (27) o construto é empregado em contexto atípico, já em (29) está em contexto crítico. Tais contextos abarcam ambiguidade e opacidades, permitindo uma leitura mais concreta e outra mais abstrata.

- 32) Pode parecer estranho, mas no Cazaquistão a carne que eles mais gostam é a de cavalo. É a carne mais nobre e cara. Yelena conta que faz muito bem para a saúde. Ela recomenda a carne de cavalo para quem quer perder peso, pois a gordura é benéfica, parecida com a de os óleos

vegetais. "Tem Omega 3, Omega 6, ácidos poli-insaturados", explica a nutricionista. Pode ser saudável, mas é exótico para nós brasileiros. Menos para o chef Roberto Santos. **"Olha aqui** a carinha de cavalo. Uma carne maravilhosa, tem um pouquinho de gordura aqui", diz Roberto. O chef de cozinha de Sertãozinho, interior de São Paulo, conhece bem os segredos da culinária local. Há dois anos Roberto mora na capital do Cazaquistão, depois de ter passado pela Rússia. E foi em Astana que ele decidiu abrir as portas da churrascaria Rio, o único restaurante brasileiro em o país. G1, 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2014/10/leite-de-egua-e-usado-como-remedio-para-tuberculose-no-cazaquistao.html>>. Acesso em: 3 maio 2020.

Em (32), estamos diante de um texto formal, uma reportagem que aborda o consumo de carne de cavalo no Cazaquistão. A reportagem apresenta a fala em discurso direto do chef Roberto Santos, que pede que seu interlocutor observe "a carinha de cavalo". Para a realização desse pedido, o chef emprega o verbo de ação *olha* na 2ª pessoa do singular do modo imperativo afirmativo e o locativo *aqui*, indicando que a carne está bem próxima dele. Considerando os aspectos do significado e da função do construto, podemos afirmar se tratar do uso em contexto fonte e em sequência tipológica injuntiva.

Os quadros a seguir exibem a frequência *token*, segundo as modalidades oral e escrita e os contextos de uso de *olha aqui*:

Quadro 3 – Relação entre textos orais e os tipos de contextos

Contexto	Tipo de contexto	
	Aula	Entrevista
Fonte	1	7
Atípico	-	8
Crítico	-	3
Isolado	-	11
Total	1	29

Fonte: A autora, 2020.

A partir dos 30 dados gerais ilustrados no Quadro 3, verificamos que, em aulas, somente levantamos uma ocorrência de *olha aqui*, ainda assim em contexto fonte. Esse resultado permite inferirmos que a modalidade falada, em registro mais monitorado, como em aulas, favorece usos mais convencionais de *olha aqui*, com maior nível de formalidade. Já nas entrevistas são registradas instâncias de *olha aqui* em diferentes contextos de uso. Interpretamos esse resultado pelo fato de entrevistas, como interações face a face, favorecerem usos mais informais e

injunctivos, concorrendo para que, nesse tipo de interlocução, serem instanciados todos os tipos contextuais por nós pesquisados (fonte, atípico, crítico e isolado).

Quadro 4 – Relação entre textos escritos e os tipos de contextos

Contexto	Tipo de contexto				
	Coluna	Comentário	Crônica	Notícia	Reportagem
Fonte	5	-	-	85	30
Atípico	1	-	-	-	-
Crítico	-	-	1	2	-
Isolado	2	3	-	53	-
Total	8	3	1	140	30

Fonte: A autora, 2020.

Constatamos que, dos 182 dados gerais do Quadro 4, somente 12 são instanciados em textos de coluna (8), comentário (3) e crônica (1). Por outro lado, os textos notícia e reportagem apresentam a maior parte de ocorrências de *olha aqui* nos diferentes contextos de uso; trata-se de 140 dados em notícia e 30 em reportagem. Nesses dois tipos contextuais, as ocorrências de *olha aqui* surgem em falar reportadas de discurso direto. Trata-se de falas proferidas por locutores envolvidos no fato abordado, como nos fragmentos (8), (28) e (32), ou por personagens de novela, como ilustrado em (11) e (12).

Outra consideração que podemos fazer em relação ao Quadro 3 é que as notícias exibem maior variabilidade de instâncias de uso de *olha aqui*, com 140 dados, dos 182 levantados em textos escritos, com registro em três contextos distintos (fonte, crítico e isolado).

Uma segunda observação que a análise do Quadro 4 permite fazermos é a maior produtividade de [olha (x) aqui]<sub>PV</sub>, com registro de 120 dados, entre os 182 gerais já referidos. Esse resultado evidencia a gradiência dos usos que investigamos, nos termos de Bybee (2016), uma vez que, no português contemporâneo, registram-se, em maior ou menor produtividade, todos os distintos níveis de vinculação semântico-sintática de *olha aqui*, desde o menos vinculado, nas ocorrências de [olha (x) aqui]<sub>PV</sub>, até o mais vinculado, nas instanciações da [olha aqui]<sub>MD</sub>.

#### 4.6 Propriedades da forma e do significado de [olha (x) aqui]<sub>PV</sub> e [olha aqui]<sub>MD</sub>

Ao longo do presente capítulo, dedicamo-nos a apresentar os contextos de uso de *olha aqui*. Desse modo, a seguir trazemos o Quadro 5, com a frequência *token* distribuída de acordo com o banco de dados e tipo contextual:

Quadro 5 – Distribuição de dados por *corpus* e contextos

Contexto	<i>Corpus</i>		Total
	NURC/RJ	NOW	
Fonte	4	124	128
Atípico	8	1	9
Crítico	-	6	6
Isolado	8	61	69

Fonte: A autora, 2020.

Dos 212 dados gerais que representam o número de tokens de *olha aqui*, 128 são ocorrências em contexto fonte, (9) em contexto atípico, (6) em contexto crítico e 69 em contexto isolado. Essa distribuição nos mostra que o emprego de *olha aqui* é mais produtivo como instância de predicado verbal, em contexto articuladores de sentido mais concreto e objetivo, nos quais o foco é a percepção visual. A partir daí, o segundo contexto mais produtivo é como marcador discursivo, no nível pragmático da língua, articulando sentido procedural, por intermédio do qual a atenção do interlocutor se volta para repreensão realizada. Nos mais, os 15 dados restantes distribuem-se em contextos de transição, atípicos ou críticos, refletindo a baixa produtividade desses ambientes textuais. Assim, verificamos que a maior parte de nossos dados tende a se distribuir em dois contextos cujas propriedades são bem definidas: o contexto fonte e o contexto isolado. O contexto fonte corresponde à instância de uso da microconstrução [olha (x) aqui]<sub>PV</sub>, já o contexto isolado equivale à instância de uso da microconstrução [olha aqui]<sub>MD</sub>.

A seguir, com base na análise interpretativa dos contextos de uso levantados, elencamos as propriedades dessas duas microconstruções, segundo o modelo de Croft (2001):

Quadro 6 – Propriedades da forma e do significado da [olha (x) aqui]<sub>PV</sub>

<b>FORMA</b>	Sintática	Predicado verbal como parte da sintaxe oracional; verbo e locativo contíguos; o verbo e locativo conservam seus traços categoriais.
	Morfológica	A forma verbal na 2ª pessoa do singular do modo imperativo afirmativo; locativo; expressão mais composicional, com maior integridade semântico-sintática das subpartes.
	Fonológica	Não há redução do material fonológico; subpartes com maior integridade prosódica.
<b>SIGNIFICADO</b>	Semântica	Sentido de percepção visual; locativo com referência a espaço físico, indicando local bem próximo ao falante; maior composicionalidade, o significado da subparte verbal e da subparte locativa decodificam o significado do todo.
	Pragmática	Comando a fim de que o interlocutor observe algo concreto ou físico atentamente; apontamento espacial como estratégia para a percepção visual.
	Discursivo-funcional	Predicação verbal associada a conteúdo proposicional do discurso; ordem efetiva para que o olhar se volte para ponto espacial específico; ocorrência em sequência injuntiva.

Fonte: A autora, 2020.

Quadro 7 – Propriedades da forma e do significado da [olha aqui]<sub>MD</sub>

<b>FORMA</b>	Sintática	Posiciona-se à esquerda, iniciando a sentença; as subpartes estão decategorizadas em termos de sua classe fonte; não há elemento intermediário entre a subparte nuclear e o afixoide; função fora da estrutura sintática oracional.
	Morfológica	A forma se apresenta cristalizada: o afixoide não varia de posição com a subparte nuclear, nem com outros elementos; não há contrações, assim as subpartes têm sua independência formal conservada.
	Fonológica	Pode apresentar pausa demarcada por vírgula como elemento prosódico; formação de <i>chunk</i> ; menor composicionalidade.
<b>SIGNIFICADO</b>	Semântica	Subparte verbal nuclear convoca o interlocutor a concentrar sua atenção na repreensão realizada; o afixoide confere grau de assertividade à repreensão e orienta o foco da atenção para o locutor.
	Pragmática	Direcionamento do interlocutor para o que deve ser examinado, a repreensão realizada pelo falante; fortalecimento do sentido de repreensão asseverativa.
	Discursivo-funcional	Marcação discursiva, garantia do contato entre interlocutores; articulação de exortação/repreensão; ocorrência em sequência tipológica injuntiva.

Fonte: A autora, 2020.



Os quadros acima exibem as características que detectamos ao longo das nossas análises dos contextos de uso de *olha aqui* no português contemporâneo. Verificamos que as propriedades das microconstruções definem seu estatuto gramatical específico. Assim, enquanto [olha (x) aqui]<sub>PV</sub> é constituída por verbo de percepção visual seguido de locativo, sendo mais lexical e composicional, [olha aqui]<sub>MD</sub> é formada por subparte nuclear seguida de afixoide, tem sentido repreensivo-asseverativo, mais procedural e menos composicional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolvemos essa pesquisa com o objetivo de investigar e analisar os diferentes contextos de uso de *olha aqui* na sincronia atual do português. Nossa pesquisa foi prioritariamente qualitativa, apresentando também viés quantitativo, o que contribuiu para compreensão da relação de construcionalidade entre [olha aqui]<sub>MD</sub> e a rede [VLoc]<sub>MD</sub>. Selecionamos como banco de dados o NURC/RJ e NOW, com foco em contextos de uso oral e escrito, classificados por nós a partir da tipologia contextual proposta por Diewald (2002; 2006).

Considerando os dados em análise, atestamos que, dos 212 dados levantados, a maior quantidade de ocorrências de *olha aqui* se concentra nos contextos fonte e isolado: 128 ocorrências em contexto fonte e 69 são em contexto isolado; o restante se divide entre os contextos atípico e crítico, sem discrepâncias. Tal resultado demonstra a tendência de, no português contemporâneo, haver maior produtividade de instâncias de uso de *olha aqui* a partir de esquemas mais estabilizados e convencionalizados na língua. Por outro lado, esse mesmo resultado indica a baixa produtividade de contextos de uso híbridos ou polissêmicos (atípico e crítico).

Compreendemos que os aspectos dos textos que compõem os *corpora* motivam a grande quantidade de ocorrências em contexto fonte e isolado. O *corpus* NOW é de domínio jornalístico, abarcando textos informativos com fatos reais, o que favorece as ocorrências de *olha aqui* em contexto fonte. O *corpus* NURC/RJ é constituído, essencialmente, por entrevistas, também encontradas no *corpus* NOW. Devidos às entrevistas serem textos menos monitoradas, contribuem para a instanciação de *olha aqui* em contexto isolado.

Para compreendermos os contextos de uso de *olha aqui*, descrevemos e ilustramos, com base nos dados de nossos *corpora*, cada um dos contextos. Em contexto fonte, *olha aqui* apresenta aspectos mais originais, instaura o *frame* de percepção visual, é mais composicional e suas partes menos vinculadas semântica e sintaticamente. Em contexto atípico, *olha aqui* apresenta duas leituras possíveis, uma mais concreta e outra mais abstrata, o que suscita polissemia e ambiguidade, o *frame* instaurado é o de localização. O contexto crítico também permite duas leituras de *olha aqui*, criando opacidade semântica, sintática e estrutural, o *frame* instaurado é o situacional; nas leituras mais abstratas desses contextos, *olha aqui* é menos composicional e mais vinculado semântica e sintaticamente. Em contexto isolado, *olha aqui* exibe apenas uma única leitura mais abstrata, o *frame* instaurado é o não espacial, menos

composicional e exibe maior vinculação semântico-sintática entre suas subpartes, na função de marcador discursivo.

Verificamos que os contextos de uso de *olha aqui* são típicos da oralidade. Contamos com 30 ocorrências em textos orais, aulas e entrevistas. As 140 notícias e as 30 reportagens, embora sejam textos escritos, contam com ocorrências de *olha aqui* em falas reportadas do discurso direto. Desse modo, temos 30 ocorrências em textos essencialmente orais e 170 em textos escritos com reprodução da fala.

Ao fim de nossas análises, confirmamos a hipótese de que, a depender do contexto de uso, *olha aqui* pode ser empregado como verbo seguido de locativo, em contexto fonte, ou marcador discursivo, em contexto isolado. Com a investigação dos contextos de uso, verificamos a convivência de dois pareamentos na língua, [olha (x) aqui]<sub>PV</sub> e [olha aqui]<sub>MD</sub>, bem como os ambientes de transição entre esses limites: os contextos atípico e crítico. Como Bybee (2016), essa convivência de contextos de uso instanciados por *olha aqui* é evidência da gradiência que caracteriza a gramática, de como os usos linguísticos concorrem para que a língua seja comparada pela autora às dunas de areia.

Com o nosso estudo, intencionamos contribuir com outras pesquisas que descrevem padrões de uso do português em perspectiva construcional.

## REFERÊNCIAS

BATORÉO, H. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BOOIJ, G. (2013). *Morphology in Construction Grammar*. In Hoffmann and Trousdale (eds.), p. 255-273.

\_\_\_\_\_. (2010). *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press.

BORBA, F. da S. *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1990.

BRAGA, M. L; PAIVA, M. C. Do advérbio ao clítico é isso *ai*. IN: RONCARATI, C; ABRAÇADO, J. (Orgs.). *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p. 206-212.

BYBEE, J. *Usage-based theory and exemplar representations of constructions*. In Trousdale & Hoffmann (eds.) *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford University Press, 2013.

\_\_\_\_\_. *Língua, uso e cognição*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CÂMARA JR., J. M. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de linguística e gramática*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Syntactic Theory in Typological Perspective. New York: Oxford University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. Radical construction grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.). *The Oxford handbook of construction grammar*. New York: OUP, 2013.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DIESSEL, H. Usage-based linguistics. In: ARONOFF, M. (Ed.). *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2017, p. 1-26.

DIEWALD, G. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (ed.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2002, p. 103-120.

\_\_\_\_\_. Context types in grammaticalization as constructions. In: Special Volume 1: *Constructions all over – case studies and theoretical implications*. 2006. Disponível em: <<http://www.constructions-online.de/articles/specvol1/>>.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. – 1ª. ed. – São Paulo: Contexto, 2018.

FERREIRA, A. B. de H. *Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2008.

FILLMORE, C. The case for case. In: BACH, E.; HARMS, R. (Ed.). *Universals in linguistic theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968, p.1-88.

\_\_\_\_\_. An alternative to checklist theories of meaning. In: Cogen, C. Thompson, H., Thurgood, G.; Whistler, K. (eds.). *Proceedings of the Berkeley Linguistic Society*. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1975, p. 31-123.

\_\_\_\_\_. Scenes-and-framesemantics. In: Zampolli, A. (ed.). *Linguistic structures processing*. Amsterdam: North Holland, 1977, p. 55-81.

\_\_\_\_\_. Frame semantics. In: Linguistic Society of Korea (ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing, 1982, p. 111-137.

\_\_\_\_\_. *Frames and the semantics of understanding*. Quaderni di Semantica. 1985, 6, p. 54-222.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. *Linguística funcional e ensino da gramática*. Natal: EDUFRN, 2007.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2013, p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Variação no domínio das construções de estrutura argumental. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. (Orgs.). *Variação e mudança em perspectiva construcional*. Natal: EDUFRN, 2018, p. 10-35.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B.; KALTENBÖCK, G.; KUTEVA, T. *On the rise of discourse markers*. Researchgate. Preprint. DOI: 10.13140/RG.2.2.31703.73129. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/333783353>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

HOPPER, P. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (orgs.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-36.

HOUAISS, A.; VILAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, R. *A categoria advérbio na gramática do português falado*. São Paulo: Alfa, v. 51, n. 1, 2007, p. 151-174.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. What categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. et al (org). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, M. R. de. *O afixoide lá em construções do português – perspectiva espacial e (inter)subjefificação*. Rio de Janeiro: Linguística, v. 14, n. 1, 2018, p. 109-129.

OLIVEIRA, M. R. de. *Funcionalismo e gramática: teoria gramatical ou teoria do uso?* Guavira Letras, Três Lagoas, v. 12, n. 1, p. 36-45, Jan./Jun. 2011.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. de O. e; URBANO, H. Traços Definidores dos Marcadores Discursivos. In: JUBRAN-SPINARDI, C. (Org.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil – A construção do texto falado*; vl. 1. São Paulo: Contexto, 2015, p. 371- 390.

ROCHA LIMA. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 36. ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 1998.

ROSA, F. S. L. *A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional*. 2019. 216 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

ROSÁRIO, C., I.; LOPES, G., M. *Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica*. SOLETRAS, nº 37, 83-102, Jan.-Jun. 2019.

TEIXEIRA, A. C. M. *A construção verbal marcadora discursiva VLocMD: uma análise funcional centrada no uso*. 2015. 297 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

\_\_\_\_\_. De predicado a marcador discursivo: mudanças construcionais e construcionalização. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. (Orgs.). *Variação e mudança em perspectiva construcional*. Natal: EDUFRN, 2018, p. 36-70.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In Regine Eckardt, Gerhard Jäger, and Tonjes Veenstra, eds., *Variation, Selection, Development--Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

COPUS DO PORTUGUÊS. Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/now/>>.

PROJETO NURC / RJ – Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/>>.